



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE – ICA
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

DALIENE DE BRITO CIPRIANO

**A TAREFA DE EXISTIR AGORA É CONTORNAR A
LIQUIDEZ DE UMA ATMOSFERA CIRCUNDANTE:
*ENSAIO ABERTO***

FORTALEZA/CE

2022

DALIENE DE BRITO CIPRIANO

**A TAREFA DE EXISTIR AGORA É CONTORNAR A
LIQUIDEZ DE UMA ATMOSFERA CIRCUNDANTE:
*ENSAIO ABERTO***

Ensaio aberto (Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade Expressões Contemporâneas em Dança) apresentado ao Curso de Licenciatura em Dança do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Thaís Gonçalves Rodrigues da Silva

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C523t Cipriano, Daliene de Brito.

A tarefa de existir agora é contornar a liquidez de uma atmosfera circundante : ensaio aberto / Daliene de Brito Cipriano. – 2022.

49 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Dança, Fortaleza, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Thaís Gonçalves Rodrigues da Silva.

1. Processos de de(composição) em dança. 2. Lógica das sensações. 3. Estados de presença. 4. Inseparabilidade entre processo e produto artísticos. I. Título.

CDD 792.8

DALIENE DE BRITO CIPRIANO

**A TAREFA DE EXISTIR AGORA É CONTORNAR A
LIQUIDEZ DE UMA ATMOSFERA CIRCUNDANTE:
*ENSAIO ABERTO***

Ensaio aberto (Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade Expressões Contemporâneas em Dança) apresentado ao Curso de Licenciatura em Dança do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Thaís Gonçalves Rodrigues da Silva

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Thaís Gonçalves Rodrigues da Silva (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Ana Carolina da Rocha Mundim
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Thereza Cristina Rocha Cardoso
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ao bailarino, escritor e crítico de dança Ítalo Rafael Campos (*in memoriam*), que muito me ensinou sobre a arte da dança e como fazer da vida uma obra de arte.

À Samyla de Paula, porque é preciso lembrar que fogo é água, flor é pedra, nada é tudo.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Perilo Costa e Geovana de Brito, pela vida e imenso amor, que se revelam no melhor daquilo que sou e de venho.

Aos meus irmãos, Rafael e Ciene, que com inteligência e generosidade, sempre me socorrem nas urgências do cotidiano, e isso inclui este trabalho.

Ao meu companheiro, Mateus, pela escuta e partilha diária das dores e descobertas dessa pesquisa, e por me aconselhar, muitos anos atrás, a escolher cursar Dança, ao invés de Teatro.

À minha orientadora Thaís Gonçalves, pelas maravilhosas trocas, e por me apresentar esses caminhos de pesquisa e as possibilidades de uma dança e escrita sensíveis.

Sou grata ao corpo docente e técnico do curso de Dança, pelos intensos aprendizados ao longo desses anos. Cada disciplina marcou-me de um jeito profundo e especial.

Grata às professoras da banca, Ana Mundim e Thereza Rocha, que gentilmente, abriram-me possibilidades de entendimento acerca do que pesquiso.

Gratidão aos meus colegas dentro e fora da graduação: Maria Caironi, Jaiana, Carol, David, Enoque, Priscila, Diego, José Roberto, Patrícia e outros que há muito tempo não vejo, mas que fazem parte das memórias positivas e aprendizados.

Grata às pessoas que contribuíram direta ou indiretamente na realização desse trabalho, em suas pequenas ações como a de abrir a porta da sala de ensaio, ou de propiciar minha apresentação no Theatro José de Alencar.

Agradeço também aos professores de diferentes técnicas corporais e filosofias de movimento, pela generosidade e paciência de me passarem seus conhecimentos, mesmo que por pouco tempo, ao longo desses anos.

Dançar é, sobretudo, aprender a escrever, pensar, comunicar-se, respirar, viver...

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre processos de (de)composição em dança, os quais geraram materiais escritos e rabiscados e também um experimento cênico intitulado *A Tarefa de Existir Agora é Contornar a Liquidez de uma Atmosfera Circundante*, apresentado em formato de ensaio aberto, em 13 de Dezembro de 2022, na Sala Nadir Papi Saboya do Theatro José de Alencar. O cerne da pesquisa, é pensar sobre o processo de criação enquanto um espiral de ideias, imagens, movimentos, que surgem e desaparecem, dissolvem-se e se condensam nessa atmosfera que é a expressão artística, a qual se confunde com o próprio viver. Por isso, a noção de *texturas* de movimento, estudado pela bailarina e coreógrafa Juliana Moraes (GONÇALVES, 2018) aponta possibilidades de acessar dispositivos de criação a partir de uma lógica proveniente das sensações, permitindo ampliar a percepção do corpo para os novos contornos que surgem a depender das circunstâncias espaciais, temporais, físicas, fisiológicas e existenciais que atravessam a artista. A inseparabilidade entre espetáculo e treino, obra artística e tarefa, processo e produto artísticos, rondam essa pesquisa que (d)existe entre meandros do montar, rascunhar, tremer, rir...

Palavras-chave: processos de de(composição) em dança; lógica das sensações; estados de presença; inseparabilidade entre processo e produto artísticos.

ABSTRACT

This paper aims to reflect on the dance (de)composition processes, which generated written and scribbled materials, as well as a scenic experiment entitled *A Tarefa de Existir Agora é Contornar a Liquidez de uma Atmosfera Circundante*, presented as an open rehearsal on December 13, 2022, at the Sala Nadir Papi Saboya in the Teatro José de Alencar. The core of this research is to think about the creation process as a spiral of ideas, images, and movements that appear and disappear, dissolve and condense in this atmosphere that is the artistic expression, which confuses with life/living itself. Therefore, the notion of movement's textures studied by the dancer and choreographer Juliana Morais (GONÇALVES, 2018) points out possibilities of accessing creation devices from a logic coming from sensations, allowing to expand the perception of the body to the new contours that arise depending on the spatial, temporal, physical, physiological, and existential circumstances that cross the artist. The inseparability between spectacle and training, artistic work and task, artistic process and product, surrounds this research that (non)exists between meanders of assembling, sketching, shaking, laughing...

Keywords: dance (de)composition processes; sensations logic; body states, inseparability between artistic process and product.

SUMÁRIO

1 CONTORNANDO ATMOSFERAS, ABRINDO PROCESSOS	14
2 TRECHOS DE DIÁRIOS DE TREINO E OUTROS ESCRITOS DE PROCESSO .	22
2.1 Diário em rabiscos	40
3 MATERIAL GRÁFICO DO ENSAIO ABERTO	47
3.1 Folheto para distribuição presencial.....	47
3.2 Material de divulgação para as redes sociais.....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

1 CONTORNANDO ATMOSFERAS, ABRINDO PROCESSOS

Nesse espaço, compartilho experiências vivenciadas em meu projeto experimental, na modalidade Expressões Contemporâneas em Dança, inicialmente intitulado: *Procedimentos para Existir Agora, Estudo da (De)composição de Processos Artísticos e Formativos em Dança/ Performance*. As experimentações se iniciam em agosto de 2022, em salas de ensaio do Instituto de Cultura e Arte e no Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno (TUPA), ambos espaços da Universidade Federal do Ceará. Aos poucos, surgiu também o desejo de improvisar nas imediações dessas salas, assim como nos jardins do Theatro José de Alencar.

No mês de dezembro, apresento essa pesquisa ainda em processo, num formato de ensaio aberto, a qual intitulo *A Tarefa de Existir agora é Contornar a Liquidez de Uma Atmosfera Circundante*. Como o leitor verá nas próximas páginas, o título se refere às próprias questões que lido ao nomear experiências. Estas se relacionam à investigação de estados sensoriais produzidos a partir de cheiros, texturas, palavras e sonoridades. Das improvisações com voz, respiração e movimento, surgem fragmentos de textos, os quais nomeio como diários de treino, pois esta palavra remete ao livro *Treino e(m) Poema* de Kazuo Ohno, sobretudo em seus primeiros trechos:

Cai uma chuva fria. Evocar a imagem da chuva que cai. Uma chuva forte, uma chuva fina. Na hora do treino, é bom observar o movimento dos insetos – e treinar usando esses movimentos. Poucas pessoas pensam assim. Talvez todos achem óbvio demais. Começou a chover, começou a ventar; são fenômenos da natureza. De nada adiantam as pantomimas perfeitas. De nada adianta pensar. Então, para que treinamos? Gostaria de transmitir algo que seja um pequenino grão de areia – talvez isso eu consiga. Se eu puder transmitir esse minúsculo grão, extraindo-o de tantos outros infinitos, talvez valha a pena investir minha vida nisso. É melhor penetrar fundo, até o âmago dos âmagos, mesmo das coisas minúsculas, tratando-as com cuidado. Ainda há tempo. (OHNO, 2016, p.24)

Treinamento, é comumente sinônimo de condicionamento e adestramento, com intuito de que o corpo adquira habilidades para uma tarefa específica. A tarefa de Ohno é ir até ao âmago das coisas pequenas, de aparente insignificância, como insetos ou grãos de areia. Identifico-me com essa proposta, ainda que seja preciso lidar com inúmeros conflitos sobre as noções de utilidade e produto artístico. Por um lado, sentia enorme euforia quando os estados de respiração e sensações vocais colocavam meu dizer, pensar e agir em profunda conexão. Porém, na maior parte do

tempo, surgiam muitas incertezas em torno da validade daquelas experiências, sobretudo porque elas não eram de natureza objetiva e previsível.

Treinar, nesse sentido, é desafiar não apenas as possibilidades do corpo, mas também as expectativas em torno do que seja construir um trabalho cênico. É estar disponível à escuta das próprias necessidades de movimento ou repouso. Por isso, quando conseguia desistir da própria ideia de que precisava preparar alguma coisa para apresentar, nesses instantes, era tomada pelo desejo de retomar movimentos, repetindo-os com um vigor e intensidade ainda não experimentados. Parece que estava sempre fazendo permanentes colagens e junções de novos movimentos levando em conta vocabulários corporais já adquiridos, à semelhança de alguém que coleciona diferentes elementos, os quais podem ser combinados em variadas situações.

Nesse processo, intensificaram-se também conflitos em torno das distâncias físicas e sociais que me separavam dos espaços de treinamento. Diariamente me deslocava da periferia até as regiões centrais da cidade, gastando muito tempo no planejamento da viagem e nos trajetos. Por isso, na maioria das vezes, ao chegar na sala de ensaio, meu corpo apenas queria descansar das longas jornadas ou das noites mal dormidas, e continuamente eu me questionava sobre o sentido de atravessar uma cidade para nada produzir. No entanto, comecei a perceber também, as nuances de descansar numa sala vazia sem interferências domésticas.

Descreverei umas dessas situações da seguinte maneira: deito no chão, movo a coluna de modo que possa acontecer uma massagem dos ossos no chão, sinto enorme vontade de ficar quieta, como se os músculos quisessem se preservar de futuras lesões. Caio no sono, passam 50 minutos e continuo imóvel. Apesar disso, cada vez que recubro a consciência, faço pequenos deslocamentos, massagens, espreguiçamentos para que levante. Como se todo o engajamento na busca de um relaxamento corporal, agora tivesse de ser redobrado em acordar o corpo. Levanto-me ainda muito preguiçosa para saber as horas, frustro-me porque 30 minutos se passaram. Volto a fechar os olhos. Pouco tempo depois, algo acontece: começo a vibrar as cordas vocais ao mesmo tempo que tremo os pés.

Embora estivesse buscando esse tremor durante o repouso, o sono logo me fazia desistir dele. Porém, houve um momento em que a vibração corporal se espalhou pelo corpo, intensificando a vibração vocal. De um jeito parecido, em outra situação,

também já me surpreendi com a minha própria voz a gritar frases aleatórias quando estava profundamente relaxada.

Certamente, quando durmo em um colchão, posso acordar no mesmo momento em que estou tendo um pesadelo, ou me flagrar dizendo coisas. Mas, o repouso no piso da sala não é passivo. Os espreguiçamentos, massagens e alongamentos me colocam num estado especial de apagamento. É como se pudesse estar mais propensa a me perceber movendo e pensando de modo involuntário.

Do excesso de expectativas, à aridez de treinos técnicos-criativos, do profundo sono, à exaustão física e emocional vivenciada pelos estados sensoriais, tudo poderia acontecer no mesmo dia. Esgotado o tempo na sala de ensaio, muitas vezes, resolvia improvisar do lado de fora da sala. Assim, entendi que em um espaço fechado e vazio, poderia vivenciar situações intimistas do meu treino, como dormir, falar, gritar, chorar e rir. Ou mesmo treinar movimentos unicamente no nível baixo, como torções e rolamentos. Mas, também poderia fazer improvisações num local público, estabelecendo relações com árvores, passantes e construções gigantescas, no caso do ICA; ou paredes rachadas, e raízes, as quais me chamavam atenção em frente ao TUPA.

Inquietava-me, como já falei, tornar a sala de ensaio um local de descanso, sobretudo quando meu horário de saída estava próximo e eu não havia feito nada do que planejei. Contudo, refletindo sobre um contexto mais abrangente, dormir era uma etapa que se sucedia às outras, pois logo eu começaria a aquecer as articulações e a voz para dançar exaustivamente. Depois me alongaria, massageando a coluna no chão por um longo tempo, a ponto de querer voltar a dançar. Já em outro momento, eu escreveria densos textos. Essas ações, se fossem executadas com toda inteireza que o corpo desejava, demandariam um dia inteiro, o qual não possuía. Destarte, voltava para casa com resíduos de danças que desejavam ter sido vivenciadas. Isso me levava a escrever nos ônibus ou nas calçadas, quando era possível parar no meio do caminho. Nesse percurso, precisava redobrar a atenção à velocidade dos carros e às pessoas, pela sensação de vulnerabilidade que tais danças e escritas me causavam.

Pelo fato de passar muito tempo expirando e inspirando enquanto método de improvisação, também comecei a perceber algumas mudanças em minha percepção olfativa. Saía das salas do ICA sentindo mais vivamente os odores do percurso pelo *campus*, como o cheiro da grama e de terra úmida. Caminhava como

se quisesse comer os odores com minha inspiração, e soltá-los expirando profundamente. Porém, ao entrar na avenida de acesso aos ônibus, conscientemente, percebia-me bloqueando essa passagem de ar para evitar, ao máximo, o cheiro da fumaça dos carros. Passei a entender melhor, sensorialmente, o quanto Fortaleza é uma cidade poluída, da qual meu corpo se protege evitando respirações profundas.

Mas como transformar essas experiências num trabalho cênico? São questões que me atravessam agora, no período de finalização do semestre. Pareço estar no meio do caminho de uma composição que se modifica a cada tentativa de repeti-la. Em outras palavras, em vão, tento fixar os estados corporais que vivencio na sala de ensaio a fim de montar um espetáculo de dança. Porém, a tarefa dramática estaria justamente em perceber as nuances sensoriais que tais estados provocam no corpo, mais do que se é meu braço esquerdo que moverá em determinada situação. Próximo dessas ideias está a noção de *texturas* ou *frequências qualitativas de movimento*, que foram trabalhadas pela dançarina Juliana Moraes quando dirigia a Companhia Perdida (2012) e que segue presente em sua trajetória solo. Sobre esse termo, Thaís Gonçalves (2018) escreve, em um glossário de termos elaborado junto à artista, em sua tese *Sensorialidades antropofágicas: saberes do sul na dança contemporânea*:

Há muitas pessoas que preferem o vocábulo “estado” para designar estruturas qualitativas associadas à performance do corpo, mas as palavras “textura” e “frequência” contêm a qualidade de repetição. Por exemplo, ao observar um material como uma trama feita de linhas, se ela se torna mais espessa em algum momento sua textura também muda. Em termos sonoros, qualquer mudança nas ondas modifica as frequências. Quando se dança, sente-se o corpo como material que se modifica pelo calor, forças, direções, vetores, etc, em mudanças que são de fato matéricas e operam por texturas e frequências. (GONÇALVES, 2018, p. 303)

Se o corpo afeta e é afetado pelas materialidades do mundo, então, cheiros, objetos, sonoridades e palavras também são estímulos sensoriais que permitem variações corporais a partir de uma mesma textura. Essas questões me remetem às pesquisas realizadas ao longo do Programa de Iniciação à Docência (PID) através do projeto *Respiração e(m) Movimento*, junto às docentes Ana Mundim e Thaís Gonçalves e à estudante Carolina Benjamim, ao longo dos anos de 2021 e 2022. A partir da leitura da tese *Um nariz subversivo: a domesticação dos cheiros e das paixões*, da pesquisadora Palmira Margarida Ribeiro da Costa Ribeiro (2019), que estuda a relação entre cheiros e hábitos culturais, investigamos trazer folhas de hortelã e camomila para as improvisações, seja bebendo o chá, ou sentindo o cheiro

das folhas. Texturas, imagens e sensações eram vivenciadas nesse contato e nos levavam a produzir certas qualidades de movimento. Porém, as plantas também estimulavam gestualidades que meu corpo já dançava a algum tempo. Por exemplo, numa das experimentações, colocamos camomila desidratada numa bacia de molho em água morna. Com o tempo, as folhas soltam uma tinta de textura oleosa. Costumava passar esse líquido nas mãos e no rosto, pela sensação hidratante que gerava.

Esse gesto, lembrava-me rituais de limpeza, uma vez que coloco a substância na pele, mas também preciso limpar os resíduos de folhas que ficaram no corpo, o que causa a impressão de que é a própria pele morta e ressecada que está caindo enquanto as folhas se esfarelam. Ativo sensações parecidas com as de esfregar um sabonete no corpo e de retirá-lo, ou lavar repetidas vezes as mãos durante o dia. A improvisação parece intensificar esses gestos, ao acessar as memórias afetivas que eles carregam.

Com as folhas de camomila, também tenho começado a experimentar outras variações da ideia de retirar algo do corpo. Se numa delas, ativo o gesto de esfregar a pele enquanto inspiro e solto o ar expirando. Em outro momento, costumo dançar imaginando que raízes pesadas saem de minhas entranhas. Esse movimento gera contrações na musculatura, levando-me a segurar o ar por determinado tempo antes de soltá-lo. Porém, quando aciono essa imagem dos fios que saem, isto logo me aproxima de uma movimentação a qual apelido de “abrir caminhos”. Não só imagino fios ou raízes pesadas dentro do corpo, como me vejo em meio a uma mata fechada tendo de fazer um enorme esforço para sair desse lugar. O esforço não é feito apenas com os braços, tenho de contrair e torcer a coluna para que passe entre as brechas do espaço denso.

A hortelã desidratada, por sua vez, possui uma textura que me lembra pó de terra. Daí, as primeiras experimentações com a folha me traziam imagens de uma atmosfera coberta de areia, cinza, ou algo que está se diluindo no espaço, sobretudo quando esfregava a erva na pele. Essas imagens, assim como a manipulação das folhas estimulavam uma qualidade de tremor corporal que venho experimentando a alguns meses. Por que a hortelã ajuda a ativar essa movimentação?

Desconfio que o ritual do banho novamente oferece respostas: à meia noite abro chuveiro, molho apenas os cabelos para suportar o frio, lavo-os com o xampu. Percebo que existe uma qualidade de movimento muito presente em minhas

improvisações e que se relaciona a esse gesto. Com as mãos costumo desenhar uma linha ao redor da cabeça em nível médio, o qual se relaciona à ação de lavar os cabelos. Além disso, o gesto de deslizar as mãos na pele e cabelo enquanto a água escorre começa a ser acompanhado pelo tremor que a temperatura do corpo provoca.

Do mesmo modo, a hortelã em contato com a pele produz uma sensação de frescor que se aproxima do calafrio. Percebo que os movimentos nascem do próprio fazer cotidiano, justamente daqueles que se relacionam a uma certa instabilidade emocional, que me impulsiona a lavar as mãos repetidamente; ou instabilidade física, como é o tremer de frio. Porém ao trazer as plantas para compor com esses gestos, é como se elas pudessem me ajudar a perceber outras possibilidades de existir enquanto corpo oscilante, fragmentado e em ruínas.

Sigo descobrindo que os estímulos sensoriais que vêm compor minhas improvisações, continuam a relacionar-se com questões do cotidiano. Após o banho, vou para a cama. No quarto escuro, pensamentos vêm à cabeça. Na tentativa de entendê-los, começo a escutar centenas de vozes de diferentes lugares, conhecidas e desconhecidas. Interrompo essas vozes para lembrar que é preciso acordar cedo para ir à faculdade, assim como existem diversas tarefas a serem realizadas nos próximos dias. Porém, não sei o que é mais angustiante, pensar de modo consciente sobre o passado ou futuro, ou dar atenção a essas inúmeras vozes que pronunciam frases que nem sempre consigo entender.

Diante disso, tenho algumas soluções que podem me levar a dormir mais rápido, apesar de não haver garantias. Posso inventar histórias suaves que me façam relaxar, ou mesmo escutá-las no YouTube. Porém, a opção mais lenta e trabalhosa, seria me concentrar física e emocionalmente na escuta desse turbilhão de ruídos. Quando persisto nessa tarefa, percebo que posso diminuir ou intensificar o ritmo das vozes, assim como levá-las a um ápice, como se formassem uma mesma substância maciça que explode e desaparece. A um terrível estrondo, segue um longo silêncio; máxima concentração das energias de todas as falas do mundo convertida em vazio.

Tal experiência, conecta-me às diversas sonoridades surgidas nas salas de ensaio e nas frases escritas após improvisar, que possuem a mesma incoerência lógica dessas milhares de vozes soltas nas madrugadas. Um dos desafios expressivos, então, seria mover a partir dos afetos provocados pelas sonoridades. Do mesmo modo, a atividade de escrita demandaria menos a elaboração de um

pensamento, e mais a perseguição exaustiva de um livre fluxo, até que se torne possível conectar o corpo com suas intenções e pensamentos.

Mas como essa atividade poderia acontecer? Alguns chamariam de verborragias, outros, de escrita automática às palavras combinadas não pela lógica racional. Pensar sobre isso, leva-me a refletir sobre as percepções de Kuniichi Uno (2018) sobre o livro *Dançarina Doente* escrito por Tatsumi Hijikata:

O leitor não pode se fixar em uma palavra, em uma imagem, em uma expressão. A velocidade multidimensional não permite conceber o texto numa linha estável. Sem objeto fixo, esse livro é apenas velocidade e direções variáveis até o atordoamento. O seu objetivo não é comunicar, argumentar ou produzir uma obra. O livro inteiro é como uma rajada de vento. As palavras são correntes de ar, cintilação contínua da luz, música ambiente desdobrando-se sem compromisso (UNO, 2018, p. 53)

Porém, ao afirmar que o que escrevo é um emaranhado de coisas que soam, não necessariamente posso dizer que se trata de música ambiente ou corrente fluida de ar. Muitas vezes, trata-se de despejo, resto, lixo, resíduo de alguma coisa que existe embrutecida nos meandros do meu existir. Mas isso também me conecta a uma outra afirmação de Uno sobre Hijikata: "o seu objetivo não era se tornar um poeta. Ao invés disso, ele queria torturar as palavras e explorar o sentido e as frases deformadas a fim de abrir os sentidos do corpo." (2018, p.32).

Em um dos meus treinos, às vezes, repetia a palavra "prato" para sentir o som do "pr" vibrando em minhas cordas vocais, de modo que tal fonema trazia outras derivações de palavras como "prisão", "preso", "preciso" até chegar no som de "s"... E assim, eu me tornava prisioneira de uma palavra comum, de um som ecoando tão oco quanto lavar pratos sem ter hora para acabar, como aquele que se submete a torturas diárias para sobreviver. Porém, existem palavras que não conseguem ser pronunciadas, o corpo rejeita dizer apenas porque carregam afetos tristes. Deitada no chão, muito relaxada, certo dia, veio-me à cabeça a palavra "eutanásia", a qual fui incapaz de proferi-la, como se estivesse sob encantamento. Talvez, porque tenha sido marcada por uma memória triste: há um ano, minha cachorrinha precisou se submeter àquele procedimento. Racionalmente, "eutanásia" é um substantivo como "prato" e "prisão". Mas em certo estado ampliado de percepção da vibração das cordas vocais e da respiração, é possível perceber mais nitidamente as camadas de afeto que as palavras carregam.

Entretanto, quando escolho, nos treinos, obstinadamente repetir um conjunto de frases? Logo me vêm à mente, versos do compositor e cantor Matheus Aleluia: "uma palavra, início de uma reza. Palavra o vento leva, mas fica sempre a intenção." O gesto da reza acende um estado de conexão corpo/mente na direção do sagrado.

E se fosse possível me conectar aos poderes do próprio corpo enquanto matéria composta pelas mesmas substâncias presentes no universo? Eu também seria atravessada pelos diferentes gestos humanos realizados em variadas épocas e espaços. Esta é a impressão que me traz a leitura de *Breviário sobre o corpo*, de Lygia Clark (2008). Como afirma Clark, dar as mãos a si mesma "tem a característica da concentração no momento da oração. Fusão das polaridades, do direito e do esquerdo, do que era e do que está sendo" (2008, p. 115).

No gesto de juntar as mãos, ligo o próximo ao distante, o certo ao errado, dissolvendo-me em espirais distintos de meu próprio ser. Assim, encontro-me com as diversas vozes presentes no mundo que existem também em meu corpo: *soa, solto, soníferos azulados*. São palavras, existem como ecos. Sopro ao dizer. Sai o ar, sonorizando *fontes externas minguadas*. Essas palavras são nada. Sim, um tanto de nada existentes querendo vazar. É como se essas palavras quisessem me cansar do pensamento elaborado. Estados de exaustão corporal são produzidos a partir da carga de expiração e inspiração que as vogais e consoantes demandam. Daí a reza. Reza é palavra repetida até virar sussurro, para que a mente se conecte ao mistério da existência. Mas no *Breviário sobre o corpo* de Lygia Clark, mãos, pés, ouvidos e boca não são apenas receptáculo de um espírito que busca elevação, as gestualidades são as chaves de acesso à experiência sensível.

Isso parece se ligar a ideias sobre dança de José Gil: "A dança constrói o plano de movimento onde o 'espírito e o corpo são um só,' porque o movimento do sentido desposa o próprio sentido do movimento" (2009, p. 78). A oração do corpo é o movimento do próprio sentido, do gesto de colocar as mãos em determinada posição, das palavras ditas, das imagens e sensações advindas...

Dia 13 de Dezembro de 2022, na Sala Nadir Papi Saboya do Theatro José de Alencar, farei um ensaio aberto mobilizada pelas questões trazidas neste texto, as quais se modificam a cada treino. Por isso, mesmo que estes escritos tenham sido realizados a poucos dias da apresentação, já precisariam ser revisitados. Uma vez

que os conhecimentos produzidos nessas experiências dançantes continuamente geram ficções e hipóteses, ao desconstruírem certezas e percepções de mundo.

2 TRECHOS DE DIÁRIOS DE TREINO E OUTROS ESCRITOS DE PROCESSO

Dia 12.08.22 / Adormeço quase em folhagens múltiplas/ Folhas de meus existir marejam gorjeios cítricos/ Infinita onda em traços amarelos/ Quero ser essa onda e deixar passar traços avermelhados de um cipreste-azul.

Dia 25.08.22, no início da tarde / Recensear os horizontes distintos do meu desejo/ Reabrir os portais que me cobrem de nuvens /Verdejo agora, entendo sobre ser verde. Líquida como a chuva e o suor. Frenética, vazia / Esvaziar a substância líquida de seus contornos/ Isolar meus acontecimentos/ Retornar uma vereda de chão e montanha...

Dia 25.08.23, no meio da tarde / A primeira parte do treino foi de repetir palavras com o corpo em movimento. Essa repetição gera uma energia que me permite vivenciar, por alguns minutos, a sensação de que o corpo distribui seu peso no espaço. Os braços balançando de um lado para o outro me ajudam a entender esse processo. Em seguida, é o corpo todo que oscila.

Ainda não sei muito sobre me entregar à essa gerência do peso. Isso certamente levaria anos para acontecer. Mas estou aqui, preciso ver o que é possível em termos de sensação e das descobertas desse peso.

Dia 25.08.22. fim de tarde / as árvores compartilham comigo de um fluxo vital permeado de sincronicidade em existir. Sou um tanto de coisas que soam, presenças constantes de imagens, futuros, passados ressoam significativamente. Ecoam vastas realidades que já não sei distinguir o que, de fato, é presença palpável. Apenas as marcas dessas paredes de treino são palpáveis. Marcas também existentes em mim. Agora, é essa irmandade com o fluxo da presença viva dos vegetais. Fluxos constantes emaranham-se também aqui. Chegam de diversas maneiras: sangrando, ecoando, irrigando e ressignificando sentidos dados. Penetram vazias, com falas distintas. Penetram pelo vento e pela onda de ser céu...

Dia 26.08.22 / Comecei a girar os braços, deixando-os relaxados. Queria perceber essa distribuição de peso que oscila da periferia, chegando a outras partes do corpo. Fico por um bom tempo experimentando esses giros. Foco em um braço de cada vez, e depois em ambos. Em determinado momento, o movimento acelera. Sou

conduzida até o chão nesse oscilar, que me leva a realizar rápidos rolamentos. Tenho a sensação de que apenas estou seguindo o fluxo do corpo, o movimento parece ir à frente dos meus pensamentos racionais, mas há uma inteligência corporal em rolar. Tudo acontece de modo orgânico, sem que eu me machuque. Deixo que sonoridades venham junto desse movimento, surgem gritos e gemidos que expressam esforço e cansaço. O fluxo da voz traz à tona emoções, sensações e pensamentos que ampliam minha percepção do presente,

Paro, estou com náuseas, de uma certa forma, escolhi realizar uma ação degradante para o corpo. Por outro lado, sinto uma imensa quietude de pensamentos. Levanto-me do chão e vou para o outro lado da sala. Surpreendo-me com meu próprio agir: um dos braços apoia-se no chão e o outro realiza um movimento forte e rápido em direção ao solo, enquanto digo frases improvisadas. Como estou editando esse texto a alguns meses, não me recordo do que se tratava a frase, apenas tive a sensação de dizer e realizar algo que partiu de uma escolha consciente, no sentido de que ação e pensamento pareciam estar muito conectados. Direcionei o braço ao chão com o punho fechado, dizendo palavras que já haviam sido pensadas a alguns segundos para testar se essa intenção se repetiria com o mesmo vigor. Para minha surpresa, tudo ocorreu de maneira orgânica, como da primeira vez. Era como se o corpo não estivesse cumprindo mecanicamente um comando, ele era afetado pelo que ocorria no instante da ação. A fala não estava a serviço do pensamento, mas o corpo parecia estar coberto da própria voz, ou da sensação que a vibração vocal produz. Assim como a alguns minutos, havia sido movida pela sensação do peso corporal, agora parecia ser inundada pelos afetos produzidos pelos sons da voz no mover da respiração.

Dia 06.09.22, escrevo para S. / Querida, se ontem foi abril, se hoje é setembro, mais um de independência vamos comemorar nessa prisão que é sobreviver. Escuto tua voz distante, ecos floridos de tua voz distante; e minha alma canta Angola a preço de custo a vivência. Já não distingo as vozes, já não sei o que me resta, quanto tempo? Ou o restante é a felicidade: “portas se abrirão onde não há portas quando você segue sua bem-aventurança”, diria Joseph Campbell... Benção, o que é benção? Estou só, falo só... Filha de um deus solitário, filha de um homem que se sacrificou pelos seus, e agora sou eu o sacrifício. Mas você diz: isso não é dívida, é pacto! Pacto de sangue conviver... Quero enterrar os fantasmas que repetem: só há um caminho, uma verdade e uma forma de vida. Acredita! Como

quando você me disse naquela noite: água é fogo, fogo é água. Fogo para aquecer a água, água para dar motivo ao fogo. Fogaréu, céu... Em chamas, vou ao encontro das vozes ancestrais de um futuro vivo. Ausência, ausência é isso, ausência é te escrever, lembrar do que ficou.

Dia 14.09.22 / A pele, vasoconstrição, serenidade múltipla, bacia, líquido amniótico, planeta vermelho, parir a flor, contornar a chuva, amarelar minhas entranhas numa flor aberta, paterna, parida, passeando em sol. A pele contorna entornos vazios de significado.

Dia 20.09.22 / Hoje de manhã voltei a treinar. Senti-me frustrada porque mesmo tendo me preparado uma noite antes para chegar ao local de ensaio, não consegui dormir o suficiente para estar disposta. A musculatura não teve tempo de se recuperar do cansaço. No dia anterior, fiz um exercício utilizando uma liga nos pés e isso intensificou minha lesão do tornozelo esquerdo. Por isso, tive dificuldade de andar no percurso do ICA. Cheguei por volta das 9hs, mas levei uns 30 minutos trocando de roupa e arrumando o espaço. Costumo começar os ensaios sempre deitada. O chão me lembra do quanto estou com sono, e levo mais de meia hora para largar o nível baixo. Dessa vez, não dormi, não me abandonei deixando o tempo passar. Sobretudo porque talvez não tivesse tanto tempo para experimentar coisas. Fiquei pensando no que conversei ontem com a professora Thaís. Como ampliar a consciência dos caminhos que percorro? Do roteiro que meu corpo segue? Geralmente, naqueles dias em que começo o treinamento deitada, costumo estimular o corpo a ir acordando, embora esteja com muito sono e queira descansar. Esse estado de relaxamento também propicia um espreguiçar acompanhado de uma leve vibração nas cordas vocais. Costumo também olhar para o teto, observar as configurações dessa parte acima dos meus olhos. É como se esse contato com o chão, no qual massageio a coluna no espreguiçar, também me ajudasse a levar a atenção para o entorno. Então, fecho os olhos e sinto que algumas tensões da coluna e da cabeça começam a se desmanchar, fazendo com que o corpo queira se entregar ao sono. Cochilo por alguns minutos, e ao despertar, volto a me espreguiçar sonorizando. Esse processo de cochilar, acordar e espreguiçar realizando vibrações vocais pode levar mais de uma hora, que é quando desperto completamente.

Não sei se por lembrar do que a professora Thais falava sobre essas *frequências qualitativas de movimento*, as quais pesquisava a bailarina Juliana Moraes, tive a ideia de pesquisar um movimento que chamo de “infinita onda”. Hoje,

ao reler o escrito do dia 12.08, me chamou atenção esse termo. Quiz repeti-lo em voz baixa, enquanto movia as escápulas e um dos ombros. Dessa repetição, a vibração da sílaba “on” se destacou, de modo que o movimento iniciado nas escápulas chegou até a bacia, numa qualidade de liquidez que parecia desaguar no chão.

Esse mover, logo me coloca em relação aos contornos do espaço. Observo as paredes retas, as linhas do chão e do teto. Reproduzo-as nesse movimento de onda, de modo que o quadrado que é referência de movimento, adquire contornos mais arredondados no meu mover. Mas às vezes, a observação dessas linhas retas, em diferentes direções, faz com que eu isole partes do corpo ao dançar. O espaço parece um dispositivo de criação que modifica meu olhar. Este sentido é muito importante para trazer à tona um tipo de vibração que me interessa entender. Como o que aconteceu numa oficina que participei, em dezembro de 2021, com o dançarino mineiro Guilherme Moraes. Numa situação, ele propôs aos participantes caminhar em roda chacoalhando diferentes partes do corpo. A duração e intensidade do exercício me levaram a sair do estado de quem foca em direções fixas do espaço, experimentando a sensação de me perder a partir do olhar, que parecia também chacoalhar em diferentes direções. Nesse abandono de minhas noções de cima e baixo, o corpo cambaleava, num estado de quase queda. Será que, por isso, gosto de ficar treinando o gingado da capoeira? Como se quisesse experimentar essa permanente sensação de desfazimento do corpo que oscila... Então, quando começo a pensar sobre as direções do espaço, entendo que o olhar se move com o corpo, criando percursos. Assim, chegar ao nível alto passando pelos níveis baixo e médio é uma consequência dessa mudança permanente de foco.

No entanto, meus esforços físicos intensificaram a lesão do tornozelo, a ponto de a dor reverberar no joelho e eu não conseguir colocar o pé esquerdo no chão. Faço, então, um intervalo, dizendo a mim mesma que não mais dançaria nesse dia. Mas no retorno à sala, voltei a repetir essa vibração de movimento. Coloco para tocar *In da Club*, do artista 50 Cent e as batidas fortes da música me conectaram a um modo de mover no qual isolo as articulações. Antes disso, improvisava escutando *Nãnde Reku Arandu*, um álbum contendo cantos e músicas tradicionais do povo Guarani. Investigar essa frequência de movimento ao som dessa primeira música foi uma espécie de aquecimento para o que aconteceu na improvisação com as batidas de *In da Club*. A adrenalina mascarou a dor que sentia e me deixei ser levada por um mover extremamente rápido, no qual retomei uma vibração de movimento que transita entre

a velocidade e a pausa, qualidade também presente no meu solo intitulado *Aquilo que Não Aconteceu*.

Experimentei dançar junto com a voz, improvisando frases e sons, e os movimentos surgiam de modo bastante orgânico, como se as palavras ajudassem a dar o contorno e intenção necessárias a essa fluidez. O mover acelerado também produzia sonoridades, ao mesmo tempo em que eu olhava para diferentes pontos do espaço, como se quisesse me desprender de um foco. Essa fluência, de uma certa forma, assemelha-se a uma espécie de confusão mental, na qual infinitas vozes parecem habitar o pensamento em situações de maior ansiedade. Tais vulnerabilidades, podem ser expressas sem tantos julgamentos de valor, naquele estado de relaxamento corporal e emocional.

Todavia, a matéria bruta envolvendo minhas próprias emoções, parece se converter em perfumaria, à medida que encontro maneiras de mobilizar o caos em trânsito livre. Numa frequência em que o olhar desfocado acompanha a velocidade do movimento, amplio a percepção de minha relação com o chão. No nível baixo, parece ser possível experimentar o peso de forma mais consciente, talvez pelas questões gravitacionais. Mas, a aceleração do mover, parece também ser alimentada por impulsos inconscientes que vêm à tona e que, de uma certa maneira, remetem aos próprios estados físicos da matéria. Assim como o gelo pode se tornar vapor ou derreter, as emoções também se modificam. O choro pode se converter, instantaneamente em riso; e o nervosismo, em calma...

De onde vem o impulso para essas ações? Talvez, da necessidade de dizer coisas enquanto movo, desabafando sobre questões que provocam afetos. O dizer me conecta a gestos como os de empurrar, soltar e agarrar. Estes resultam em tensões corporais que remetem à própria água em seu estado sólido. Chego a um estado de pausa corporal, no qual pareço concentrar uma energia prestes a vazar, como se o corpo fosse entrar em estado de sublimação. Numa constante espiral de condensação e diluição energética incitada pelos gestos e vocalidades.

Dia 27.09.22 / Sinto sono, tudo é muito exaustivo, as árvores se movem lá fora. Como resumir esses dois dias?

Cheguei ao treino de manhã, quase 50 minutos depois do horário agendado. Por isso, não tive tempo de repousar, como ontem de tarde, quando dormi por uma hora na sala de ensaio. O corpo descansado parece ficar mais resistente aos exercícios que me proponho realizar. Hoje, por não dormir, nem em casa e nem na

sala de treino, eu permaneço com muito sono enquanto escrevo esse relato. Mas, apesar do cansaço, parece que no período da manhã, ainda consigo ter mais disposição do que à tarde.

Inclusive, durante os exercícios, aconteceu alguma coisa parecida com sexta-feira passada, em relação a “dar voz ao que sinto”. Houve um momento em que comecei a falar palavras aleatórias na ausência de assunto. É como se aceitasse que não há um tema para meu trabalho, ou que os temas se referem à própria experimentação das sonoridades que me vêm à mente, sem muita reflexão, como as palavras “faminta”, “presunto acinzentado”, “prato”, “parir”, “rir”, “horrível”... Automaticamente, começo a repetir palavras com sílabas parecidas, que vibram de maneiras diferentes no corpo, com destaque para encontros consonantais como “pr”, “br” ou “tr”. Ou sílabas que contenham vogais seguidas da letra “r” que me convidam a uma respiração mais profunda. Se, de início, existe uma aleatoriedade na escolha das palavras, a repetição me faz desejar experimentar as sonoridades e sensações que as vibrações produzem no corpo. Nessa repetição, tendo a ondular a coluna, passando por articulações do quadril e pernas, até ir em direção ao chão; num movimento que apelidei de “infinita onda”. Mas dessa ondulação também pode surgir um tremor corporal que ao reverberar nos braços, convoca novas gestualidades e sonoridades.

Já narrei essa experiência em outro momento. Hoje, porém, ela adquiriu novos contornos. Experimentei a vívida sensação de que existiam linhas circulares passando por minhas articulações, como se derretessem, junto de meus ossos, até o chão. Mas essa infinita onda também parecia circundar outras direções, níveis espaciais e potencializar estados de corpo anteriormente experimentados. Por exemplo, fui instigada a explorar uma qualidade de tremor corporal que me permitia desmanchar tensões físicas e emocionais, e assim experimentar um livre fluxo de pensamentos. Digo-os em voz alta, e o ato de narrá-los intensifica o gesto de tremer. Esses estados são tão sutis, como linhas finas que podem se romper facilmente. Ao mesmo tempo, que se assemelham à turbulenta corrente de rio a jorrar incessantemente.

Findado esse momento, me vem o desejo de realizar uma escrita sensível. Começo a manusear meu caderno a fim de encontrar uma folha em branco. Essa intenção de procurar por algo, reacende o estado de tremor corporal que a pouco havia abandonado. O tremor intensifica o gesto da procura. O tremor alimenta a

sensação de nervosismo que surge, ou é alimentado por ela? O fato, é que as questões que envolvem a elaboração de meu Trabalho de Conclusão de Curso, naqueles instantes, também vieram à tona: procuro, procuro, procuro formas, métodos, maneiras. Tem que ter um uma saída, um tema... Tem que realizar, desenhar, escrever, conter, conter... Deve haver uma regra, um caminho, um porquê, uma segurança, uma ordem, uma tarefa, uma obrigação, um mapa, um destino, um objetivo, um saber... Um saber, um ser, saberia...

E assim, experimentando repetir palavras que começam com a letra *s*. Sou novamente puxada para esse espiral de sensações que me fazem compor e decompor palavras, nas nuances da respiração...

Dia 30.09.22 / Dormi por mais de meia hora. Ao levantar, comecei a suar frio e tremer as mãos e pernas. Comi uma barrinha de frutas e amendoim. Senti-me um pouco melhor, talvez estivesse com a pressão baixa. Como se não bastasse, quando comecei a me mover no chão, resíduos de folhas secas caíram em meu olho. Mas pareciam espinhos pelo incômodo que sentia. Rapidamente, me veio a ideia de tentar produzir lágrimas para expulsar o objeto estranho, uma vez que costumava explorar esse tipo de exercício em outras situações. De início, experimento tremer os lábios e maxilar, como forma de sensibilizar as glândulas lacrimais. Somado a esse gesto, experimento sonoridades que geram modos de respirar ligados a memórias de desespero e tristeza.

Pensei que se chorasse bastante, os olhos ficariam completamente limpos. Mas não foi o que aconteceu, a sonorização, às vezes caía num certo automatismo. Perder esse lugar de escuta das sensações rapidamente me desconectava dos afetos necessários ao choro. Porém, esse esforço para produzir afetos me conduziu a um novo estado investigativo. Comecei a pensar na frase "abrir caminhos," que foi dita por dançarinos de um espetáculo que assisti na noite anterior. Passei a pronunciar a frase, articulando a boca sem que o som saísse. O dizer era acompanhado de gestos que me remetiam ao verbo abrir, os quais me levavam a tensionar os braços e a coluna, em diferentes posições corporais. Esse movimento ativou minha imaginação: estava numa imensa mata fechada e densa e era preciso fazer um enorme esforço para me deslocar nesse espaço. É aí que recordei frases do livro *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto. "A terra anda a procurar dentro de cada pessoa, anda a juntar os sonhos. Sim, faz conta ela é uma costureira de sonhos." (COUTO, 2007, p.182). Repeti, desse trecho, o verbo procurar, de modo que o gesto da procura surgia em

minha movimentação: girava a cabeça para diferentes direções do espaço rapidamente, indo do nível alto ao baixo. Depois, tornava a repetir a frase “abrir caminhos” e movimentos fluidos indo do nível alto até o chão também surgiam dessa fala.

A partir dessa experiência, comecei a me deixar conduzir por um fluxo livre de palavras, atentando-me à vibração que ele produzia no corpo. Pronunciava vocábulos iniciados pelas letras “z” e “v”. Até chegar a uma repetição exaustiva do verbo viver e suas derivações: “vida”, “vivo”, “viva”. Esta última palavra era dita no modo imperativo. Como se, naquele momento, estivesse afirmando a urgência de afirmar a vida, permanecer viva.

Gerar intencionalidades gestuais a partir das palavras e suas vibrações pareceu me levar a uma conexão com questões do inconsciente e com afirmações necessárias de serem feitas. Naqueles breves instantes, tive uma percepção ampliada sobre a necessidade de seguir, continuar, apesar dos constantes apagamentos de minha identidade enquanto mulher negra, pobre e periférica. Abrir caminhos é também um termo que induz à ação corporal sugerida pelo verbo abrir. Por isso, uma certa memória muscular é acionada junto com questões da própria vida e das tensões cotidianas.

Dia 04.10.22, no início da tarde / Ontem, apenas dormi. Por que dizer que apenas dormi? Do contrário, deveria ir ao cúmulo do meu cansaço? Vencer uma outra batalha com meu corpo? Não, na sala de ensaio, eu me entreguei a um profundo sono, a ponto de não querer e conseguir levantar. Sucederam-se, então, treinos repartidos. Até mesmo meus escritos sobre essa experiência não foram salvos no *Google Docs*. Então, já não me lembro se o que eu vivi foi ontem, ou outro dia, como se fosse sonho ou o cansaço que tudo faz apagar. Porém, ao sair da sala, tudo estava mais contornado lá fora, mais nítido. Descansar permite perceber os mínimos detalhes das coisas. Agora, por exemplo, que não dormi. Estou extremamente sonolenta.

Hoje vazei emoções. Li uma carta para a S. Não penso que o que faço é apenas descobrir jeitos mais fluidos de mover. Lido com meus próprios estranhamentos de existir. Não é algo que possa ser registrado de forma neutra; trata-se de meu choro, do meu riso, da minha própria (d)existência.

Meu relato, hoje, poderia começar assim: ao som de *Dentro Ali*, da cantora Luedji Luna, inicio uma respiração mais profunda enquanto o corpo oscila acompanhando as batidas da música. Inspiro tendendo a me elevar, expiro descendo

para o chão. Aos poucos, o oscilar do movimento e da respiração, me permite experimentar sonoridades que provocam essa sensação de alternância de emoções. Produzo sons que me conectam à tristeza e desespero, e em seguida, dou intensas gargalhadas.

Vou ao nível baixo e começo a rolar no expirar e inspirar dessas emoções. Rodo em diferentes velocidades e isso provoca alterações no ritmo respiratório, fazendo jorrar novas sonoridades e sensações. Faço esses rolamentos realizando um grande trabalho sobre a musculatura e sonorizando esse esforço. Embora não sinta tensões na região da garganta, a voz faz vazar pensamentos que me mobilizam. Começo a falar sobre questões do trabalho enquanto giro. Falo sobre o fato de não saber o porquê de fazer o que faço e se poderia haver uma outra maneira de operar que não fosse a de me causar esse tipo de estranhamento.

É incômodo pensar que ficarei muito enjoada depois de rolar no chão por muito tempo. Por que eu escolho passar por essas situações que lesionam o corpo? Apesar de tudo, é como se toda a dramaturgia se construísse no instante em que sou mobilizada, ainda que por questões corrosivas.

Dia 04.10.22, fim de tarde / Sobrevivo entre contornos distintos. Ecos floridos de minha voz a cantar reminiscências ocas. Distorço o tempo, refaço a onda. Aurora de meu desespero. Pacto de sangue viver, correr, amargar, alterar a forma desse turbilhão de sacos plásticos no horizonte. Redoma de vidro, osso enterrado, passarinho, nuvem.

Dia 07.10.22, no meio da tarde / Cavar a memória do meu existir. Você não sabe, você é confusa... Essa parte de mim que existe, sussurra... Parte de mim que é ar, intenção... Que paralisa, enquanto é quase um poderia ter sido. Essa parte de mim que desconheço e que me guia, Fernando Pessoa já dizia. Eu queria construir uma ruína, pois eu sei que uma ruína é uma desconstrução. Manoel de Barros agora é quem fala. Eu não sei, é o tanto que ficou, é o tanto que não é... Desisto e estou aqui entre ruínas do meu nome. Fragmentos de quem poderia ser relva e semente. Fragmentos de muro ou do céu. O nada é tanta coisa que ficou pelo caminho, por ser, por dizer, por fazer... E fez-se em cinzas do meu horizonte distinto... Eu capto, capto, ah... Sou apenas uma entre tantos grãos de areia amarelos, azuis, verdes e vermelhos. Amarelos, azuis, verdes, vermelhos, rosas, azuis e amarelos. Eu queria construir alguma coisa que me fizesse esquecer do meu nome. Eu não sei, porque no final, a palavra habita em cada recanto do meu interno. Entre... Escuto a solidão.

Dia 07.10.22, fim de tarde / Dançar até a alma sair do corpo... Mas como é possível despregar-me de um contexto que criou profundas raízes no meu ser? A dança vazia vai até os recônditos de uma alma selvagem? Não é bem assim. A alma que me veste é rica de conhecidos. Mas agora eu já não sei. Estou cansada de pensar e mesmo de mover nesse contexto. Dança é vestida de tanta coisa... E só tem camadas, não tem vazios. Os vazios são meandros daquilo que desejamos... Já não saberia dizer o que busco. Encontro um caminho e ele me escapa.

Comecei com a sensação do peso corporal: ao pisar no chão, expirava para sentir o peso junto com a respiração. Duas sensações que se complementam. Mas esse treino por si só já é oco. Oco no sentido de que quero expelir algo do corpo expirando. Mas já não sei o que é. É a alma? Sinto que essa dança é vazia de perspectivas. Esse treino é vazio, sua melhor definição. E o que me inquieta é que não repeti nenhum dos procedimentos que realizei anteriormente, como falar palavras aleatórias e dançar de um certo jeito que sempre surge. Não, não os repeti. Também evitei movimentos que costumo fazer. Sim, estou a todo custo retirando coisas do treino. E no fim, o que sobrar? Ai, que chato, estou emotiva! Não sei o que sobra, o resto é... Um tanto de coisas que poderiam existir agora. O resto é... o desconhecido de novo. Esse procedimento de ficar com os restos, acolhê-los, é como um novo mergulho numa antiga aflição.

Nunca vou apresentar esse trabalho. Ele sempre é um descomeço, quando parece já nascer, chega ao fim em pleno parto, parindo incertezas. E você diz: deveria ser diferente, deveria ser de outro modo... Concordo, e se a busca fosse diferente? E se eu pudesse contornar a onda que vai desfalecendo? Explico: abraçaria o trabalho em seu pleno fim, podendo contornar os incontáveis finais, para assim, comemorar o sepultamento daquilo que inexistiu. Sim, dançaria sempre a morte das coisas. Não necessariamente das coisas mais graves, mas dessas minúcias que surgem no caminho da movência.

Dia 17.10.22 / Eu queria construir uma ruína. Mas já não sei o que pode corroer os meus recintos particulares. Palavras ao vento, eu sei... Vento de palavras acidificam meu viver. Sss.... Som de s é o que basta. Percebo seus significados e eles alimentam o sentido que produz significados outros. A acidez do sangue. A acidez da vagina, do estômago... Do que corrói. Algo sempre corrói.... Entranhamentos de existir. Chuva fora, dores dentro...

Mas tem o som de x para estabilizar esses recintos particulares. Soa! O importante é soar, soltar, ser... Sair, sacudir... Ir... E voltar...vool... os sons possuem peso e oscilação. O ir e vir junto da vibração... Me atendo a esta por costume ou por desejo, ou porque não existe uma autoridade a ordenar: faça desse jeito! Mude o seu modo de experimentar! De qualquer forma, pensar a partir dessas vibrações é sempre caótico. Os poros se abrem e o corpo não se recupera facilmente dessa expansão.

Dia 19.10.22 / Está difícil escrever, de que modo começo? São vários acúmulos de vivências desde segunda-feira. E hoje é o último dia da semana. Na segunda de noite, depois de sair da sala de ensaio, fui para um corredor no ICA para improvisar por mais tempo. Como é ensaiar junto de passantes? Sinto-me intimidada com a ideia de que alguém, fortuitamente, pode observar o que faço. Talvez por não estar acostumada a treinar na presença de outros.

Como estou investigando o corpo, alguns movimentos são muito indefinidos, cambaleantes, grosseiros. Essa ideia de que eles não são algo para serem vistos, induz-me a querer somente realizar movimentos que considero menos esquisitos. Embora, à medida que fui improvisando, o cansaço do corpo me permitiu, aos poucos, desfazer esses julgamentos. Pude dar vazão a sensações e imagens interessantes, como a de um fio atravessando o cóccix e oscilando de um lado a outro do quadril. Rebolando, imaginava o fio percorrer outras direções do espaço, até retornar à parte interna do corpo, contornando a coluna, o tronco, e indo novamente em direção ao cóccix. Tudo de modo muito rápido e desordenado.

No trajeto para casa, as nuances dessa fluência continuavam a reverberar no corpo. Sentada no banco do ônibus, ia deixando cair os ombros, como se estivesse derretendo em direção ao chão. Coluna, cabeça e respiração estavam leves a ponto de eu não querer me sustentar no eixo vertical. Talvez, por ter exercitado, durante horas, uma respiração intensa enquanto me movia.

Na manhã seguinte, daria continuidade a essa experiência, mas dormi muito pouco na noite anterior. Por isso, cheguei no ensaio extremamente cansada e com uma hora de atraso. Na sala, havia homens trabalhando na construção de uma porta que daria acesso ao compartimento vizinho. Novamente, deparo-me com a questão de treinar entre pessoas que estão realizando suas atividades cotidianas. Como fazer com que meus movimentos, que considero estranhos, também possam fazer parte do cenário?

É que a presença desses trabalhadores me deixou desconfortável para deitar e dormir por um tempo, como era costume. Por alguns minutos, eu abandonei a via da experimentação, indo por caminhos de movimento que já conhecia. Um deles consistia em juntar os pés, segurando-os com as mãos, enquanto rolava no chão com apoio dos ombros. Porém, ao fazer esse exercício no ritmo da respiração, percebi que o som que meu corpo produzia lembrava a palavra “outro”. O som das vogais era pronunciado concomitante à expiração e se estendia na vibração das cordas vocais enquanto o som de “tr” era evidenciado. Nesse momento, algo curioso aconteceu: o rolamento intensificava essa experiência de dizer. Fazia muito sentido repetir aquela palavra, naquele momento, pois o outro, o diferente, era a questão. Como posso compartilhar uma experiência estranha até mesmo para mim? A repetição do movimento e da palavra presentificam minhas questões, intensificando-as.

Findado esse momento, quis repetir alguns movimentos no chão que havia experimentado no sábado. Porém, assim como ontem, hoje, terça-feira, eles não fluíam. Além de estar muito cansada, surgiam conflitos internos que se intensificaram ao dividir o mesmo espaço com trabalhadores da construção civil. A presença deles, me fazia lembrar de ideias do senso comum sobre trabalho, como algo oposto e até preferível ao descanso. Ainda que deitar no chão e dormir fosse parte do meu próprio fazer, certas noções dicotômicas, às vezes, interferem no modo como valido minhas experiências. Trabalhadores da construção civil lidam de modo intenso com a concretude dos materiais do mundo, mas esse fato, não necessariamente precisa contrariar aquilo que faço. Talvez, minha tarefa seja a de descansar, desistir para enfim dar forma à concretude do vazio do mundo, ou dessas atmosferas invisíveis que o circundam...

Mas no momento do ensaio, não era possível refletir sobre essas questões, como faço agora. Na ocasião, os conflitos que surgiram, me levaram a um mover mais automático e com poucas pausas. A ponto de machucar os joelhos devido ao excesso de esforço. Foi aí que comecei a pensar no áudio que a professora Thaís me mandou sobre a necessidade de cansar o corpo para descondiçaná-lo. Ela não estava necessariamente falando da exaustão física, mas da noção de liberar-se de expectativas. Eu buscava fluidez a partir de movimentos mecânicos. Mas eles geravam um esgotamento físico desconectado de minhas sensações.

Desisti, deitei no chão, a cabeça pesava de sono. Essa sensação veio acompanhada de um relaxamento mais profundo que me permitia revisitar um

movimento orgânico: comecei a tremer a coluna. Percebi que esse tremor, já experimentado outras vezes em diversas posições corporais, fluía com mais facilidade no chão, talvez pelo maior contato com a gravidade. Por isso, ainda no nível baixo, comecei a contrair os músculos faciais, num gesto de riso que alternava para o desespero e tristeza.

Costumava experimentar essas sonoridades do choro e do riso convulsivo durante os ensaios. Naquele momento, porém, tudo foi vivido de modo mais intenso. Parece que as frustrações e cansaço físico acumulados durante vários dias de treino foram liberadas naquele exercício. Uma espécie de terapia que consistia em chorar e rir de si mesmo...

Dia 24.10.22, no início da tarde / Estou viva e tenho que atravessar a cidade para ensaiar, por isso escrevo de qualquer lugar. Existe um livro que me salvará? Alguma ideia que fará corpo com o meu sentir? Construir ruínas é uma palavra vazia. Esse TCC também é... Esse TCC convoca o meu vazio a existir. Um prato de diligências cadenciadas... Só tenho vontade de escrever descompreensivamente. Como explicar essas nuances da escrita num texto em que é preciso gastar muito tempo sendo claro e conciso?

Dia 24.10.22, fim de tarde / As raízes abraçam o concreto, o destroem, penetrando recintos particulares também de meu existir. Sou penetrada de flores amarelas, vermelhas e azuis. E um tanto de coisas que existem em estado de presença. Presença ausente... Quero parir inexistências múltiplas. Sim, entranhada de uma superfície oca. Carne ondulada de um líquido amarelo, vermelho, azul. Tudo é a crista da onda em declínio. Eu resto, resto desconhecida. Isso não é um trabalho, é uma trabalhadeira, tenho que dissolver pontos de tensão; não é tão simples, leva tempo, leva anos. Leva o que mais? Eu queria construir uma ruína, Manoel de Barros já dizia. Eu queria o oco denso de meu próprio mármore, mas aí faria sobras de ser circunferência azulada em vasos de flor. Faria tudo de novo enquanto durmo. Confuso? Ah... É... Isso é um monte de coisas que saem. Isso são palavras vazias. E o que sobra? Restar é o que me cabe. Restar é tudo que sou enquanto falho na tarefa de caber. Sou quinquilharias... Eu queria tanto construir essa ruína. Eu queria tanto dissolver o oco denso pontilhado em estrelas verdes. Posso pedir ao meu pai que me ensine como mudar casas de passarinho, de modo que a passarinha encontre seu novo lar. Mas também posso pedir que ele me ensine a desconcretar o mundo. Ele pisa no chão. Ele procura a árvore. Ele ama a construção de alguma coisa que ficou

pelo caminho. Eu também quero parir essas incertezas de procurar a árvore e negociar meu canto repleto de voz serena. Repleto dessas vozes desconhecidas de uma passarada verde, feroz, corroendo minhas próprias ancas. Mas isso não cabe num trabalho de 35 minutos. É uma trabalhadeira, como limpar areia de gatos, lavar louças, atravessar a cidade para encontrar uma sala vazia. Esse treino é infinito, por isso sua melhor parte é o dormir. Obs.: Plantas constroem ruínas.

Dia 25.10.22 / Inspiração e expiração são as regras. As emoções me atrapalham. Chego a me machucar pelo excesso de tônus muscular que emprego, devido à ansiedade ou ao cansaço. Acho que a tensão ainda é muito grande na região dos ombros e pescoço. Parece que faço um trabalho grosseiro de ir pelo movimento. Porém, nem sempre mover resolve tudo, pelo menos esse visível do dançar. Às vezes não sei para onde ir. Exemplo: chego a um nível de energia e tensão que simplesmente cai porque não sei o que fazer com isso. Como construir o sentido? No meu caso, as coisas se resolveriam a partir do dizer dramaturgico? Talvez sim, tudo é dramaturgia encoberta. Mesmo que de folhagens secas, do oco denso, que tantas vezes já descrevi. Sinto-me sem perspectivas nessas horas. Porque sei que estou esvaziada de qualquer coisa que seja, até do que é bom, até do que é ruim. Estou no limbo e não domino a técnica de tensionar o baixo ventre de um modo mais efetivo do que quando tensiono os ombros. Tento ajeitar isso com uma respiração grosseira e superficial. A respiração que faço sempre é inspirar forte e rápido, soltar forte e rápido. Chego a me perguntar se esse padrão é uma demanda do movimento que realizo, ou porque é costume respirar assim, tal como me lembram as aulas de karatê. Quando estou ofegante, tento inspirar mais profundamente. Faço isso enquanto me espreguiço soltando sons que prolongam a consoante “s”.

É saboroso alongar fazendo esses sons. A vibração sonora auxilia tanto na concentração de energia e pensamentos, quanto na descontração da musculatura. Percebi que, deitada no chão, é mais fácil soltar corpo e voz, assim como cantar a música de Luedi Luna, *Dentro Ali*; principalmente, depois de fazer diversos rolamentos no chão. Como de costume, também comecei a realizar movimentos que lembram o gingado da capoeira. Mas somente hoje percebi que eles foram melhor executados depois de rolar no chão cantarolando. O nível baixo me energizou, a ponto de camuflar o cansaço de uma noite mal dormida. Gingar no nível mais alto pareceu uma continuação da troca de peso iniciada no nível baixo.

Estou reeditando esse texto já no início de dezembro depois de ter feito aulas com a professora Denise Parra sobre eixos corporais. Essa vivência me permitiu refletir sobre as improvisações acima narradas. Entendi que o gingar da capoeira demanda um eixo menos vertical do que técnicas de dança como o ballet. Para gingar, preciso curvar a coluna, conscientizar-me da relação entre chão e nível médio. Nessa base, estou sempre em vias de despencar, como um pêndulo que oscila. O corpo, então, se move em diferentes níveis do espaço como resultado desse balanço.

Dia 26.10.22 / Hoje, o contorno das rachaduras nos muros do teatro universitário e das paredes dos prédios do entorno se tornaram objeto de investigação. Ao improvisar uma dança a partir da observação dessas ruínas, eu queria desenhar no corpo um caminho de movimento com fluxo interrompido, quebrado, indireto. Mas ao me mover a partir da observação das plantas e raízes daquele lugar, quis traçar contornos mais macios, ondulados e contínuos. Embora, ambas improvisações me conectam a uma sensação de linhas emaranhadas que podem surgir de diferentes lugares do corpo, ao mesmo tempo.

Dia 7.11.22 / Preciso escrever a desconformidade das coisas em relevo plano. São palavras... Mas é um corpo. Um corpo mais velho que o tempo. Mais velho que minhas ideias inconclusas. Ruge o som dos carros atravessando a avenida. Ouço som de mar. Som de céu. Som de tristeza... Sinto uma angústia que não sei classificar. Mas ela já se transformou em outra coisa nesse oceano.

A tarefa de existir agora tarda em ser. Seria florir. Madrugar horizontes distintos. A tarefa seria colocar um monte de anzóis de pesca dentro de uma cachoeira e resgatar pilhas de roupas para lavar. Resgatar meu oco denso dentro de uma gaiola azul em conformidade com meu destino. Resto encruzilhada em ser essa cobra que povoou meus sonhos. Me escondo para que não me mate o amontoado de deveres cívicos e cristãos. Quero apenas rememorar o acaso em plenitude oca de quem pariu uma onça pintada e ressoa sua sutileza em uma obra de poucas páginas. Entrevejo em meandros a vacina que salvará todos desse suplício de temer a floresta úmida de suas revoltas. Sou incapaz de tremer, mas temo. Sou incapaz de amar, mas tento. Revejo esse destino de não encontrar abrigo em minha própria coragem. Nem em meu próprio vazio. Nem em minha própria tristeza. Tudo é abandonado à sorte de deslizar entre meus dedos e se refugiar no outro lado da margem. Na outra ponta do acaso, na fadiga de quem não terminou. De quem precisa tomar um rumo, na ausência dele. Mesmo que o rumo seja seguir encarando essa solidão....

Dia 11.11.22, no início da tarde / O tiro do mar se fez árvore para saber o que é essa certeza verde.../Esfarelar a redoma de um céu sofrido para caber nessa perda voraz / Serei a septa jocosa acirrando sua delicadeza sarcástica em minhas ruínas flácidas/ Isso carrega o imemorial de vaso quebrado que não parte/ Primeiro eu precisava te contar tudo, queria que você fosse sempre amarela.

Dia 11.11.22, no meio da tarde / Tarefa de casa: levar para o treino saquinhos de hortelã e camomila. Motivo: o verbo esfarelar apareceu nessa escrita automática realizada depois que dancei. Talvez porque, hoje, a sala estava cheia de restos de folhas secas que tive de varrer. O senhor que trabalha na portaria contou que a professora Emily costuma ensaiar lá. De fato, ela trabalha num espetáculo chamado *Folharal*. Sem dúvida, os resíduos das folhas me conectaram a experimentações com hortelã e camomila que foram feitas no PID. Por isso, devo trazê-las.

Tarefa de casa: Comprar um tecido amarelo. Motivo: mais uma vez a palavra amarelo surge nos meus textos. Será que por ter lembrado da cor da saia de S. numa fotografia? Ou por estar dando continuidade ao processo de criação iniciado na videodança *Amarelo a Cor da (De)composição (2021)*? Para assistir a videodança, [clique aqui](#).

Figura 1 – Memórias da saia amarela no experimento do dia 11.11.22



Foto: Arquivo da autora (2017)

Figura 2 – O tecido amarelo, citado no experimento do 11.11.22



Foto: arquivo da autora (2022)

Figura 3 – Frame da Videodança Amarelo é a Cor da Decomposição, citada no experimento do dia 11.11.22.



Foto: arquivo da autora (2021)

Dia 11.11.22, fim de tarde / As emoções me atrapalham ou seriam as expectativas? Hoje dormi de novo na sala de ensaio, mas não porque estava com tédio e sim porque sentia muito sono, devido ao cansaço de noites mal dormidas. Tentei pensar e fazer uma cena que abraçasse o tecido amarelo. Imaginei que seria bom trazer um objeto de cor azul-turquesa, como uma pedra ou cristal, para contrastar com esse amarelo ouro do tecido. Comecei, então, a visualizar uma flor azul e repetir mentalmente o termo "cipreste-azul." Esse pensamento me levou a adormecer. Quase uma hora depois, acordei com a lembrança das folhas que crescem ao lado dos esgotos do Teatro Universitário e desejei retomar meu exercício de imaginar plantas azuladas, movendo-me a partir dessa visualização.

Porém, logo quis voltar à experimentação da cena do tecido. Comecei a fazer uma espécie de reza tocando o objeto. Na verdade, apenas repetia o texto escrito dia 6 de setembro, como se falasse com alguém em particular, abençoando e rezando para essa pessoa. Provocar essa intenção quase sempre me fazia chorar bastante. Por que? Nesse gesto pareço estar acariciando e sendo acariciada por alguém muito querido, estou sendo inundada de amor e minhas lágrimas servem para limpar a tristeza, curar e nutrir a alma. Fico na dúvida se isso pode se tornar uma cena, já que é uma atitude que me remete à intimidade. É que à primeira tentativa de fixar uma duração para esse gesto, ele logo cai no automatismo.

Mas reeditando esse texto um tempo depois, notei que as lágrimas que surgiam eram provocadas por uma ação física que eu repetia sem perceber: uma das mãos massageia o pano enquanto a outra o aproxima do peito. Certamente, isso provocava em mim a sensação de acolher e ser acolhida.

Decido, em seguida, dançar por uma hora ininterrupta, a fim de explorar movimentos que constantemente vem se repetindo nas improvisações. Porém, costumo iniciar essas improvisações com altas expectativas de que algo interessante aconteça. Essa ansiedade faz com que eu me machuque, pois acabo elevando a tensão dos músculos, sobretudo, quando começo a improvisar movimentos mais rápidos e fortes. Por isso, nesse dia, percebi que conversar comigo em voz alta poderia ser uma espécie de negociação com as emoções. Em certo momento, pronunciei a palavra "cuidado" num tom imperativo, e isso intensificou um gesto que

sinaliza pausa ou pedido de espera: com a musculatura bastante contraída, os braços se posicionam na altura dos ombros, as mãos estão esticadas e apontam para cima, tensionando os punhos. Esse gesto traz consigo intenções, constrói atmosferas, modifica meu olhar e minha relação com o espaço e o instante, com a pausa e o mover. Sentidos são criados a partir dessa nomeação da experiência em tempo real.

Dia 18.11.22 / Música: *Canção do Ar. E em som de água/ Escolhi estar/ Pra abrigar a calma e poder remar/ Meu caminho é água/ Meu amor é mar/ Sigo desaguando, até o amanhecer/ Tardo-me em meandros/ Resto- me em ser... / Meu caminho é água, meu amor é mar...*

Os caminhos do rio também ecoam mim. Desperto intensidades enquanto tudo for relva aurora. À sombra de uma árvore penetro recintos particulares de meu existir. Florescência múltipla de viver. Caminho denso de parir flores. estrutura óssea residindo em meu manancial. Tudo é constante aceleração de retomar o afeto que tive de conter. Contenho, porque emoções são corrosivas. Emoções são urgências que meu trânsito livre quer fazer.

Para que eu possa viver esse oco denso, preciso parir a sua sombra ácida e corrosiva e já não importa o manancial de flores que brota. Tudo é instante perdido em minha lucidez cintilante. Reclamo que não quero esse fogo intenso. Reclamo que quero a amorosidade de quem descontraí sua culpa em regozijar um manto. Aurora espera para resistir em blocos de concreto acinzentado. Retomo o meu condimento que me assola para que eu possa recobrar o juízo.

2.1 Diário em rabiscos

Os rascunhos das figuras 4, 5, 6, 7, 8 e 9 foram realizados na tentativa de entender, de modo técnico e sensorial, as movimentações que se repetem durante as improvisações. A figura 10, relaciona-se à minha prática de dizer palavras enquanto danço. Tais palavras, não são escolhidas porque rememoram contextos pessoais, apenas vieram à tona como sonoridades que provocam vibrações diversas nas cordas vocais e no corpo.

Nos rascunhos a seguir, a partir da figura 11, observo outras nuances das sensações e imagens que o mover provoca no corpo. Na figura 11, percebo um fluxo de contração e expansão, diluição e condensação que, na figura 12, se desdobra em um espiral infinito.

Os rabiscos da figura 13, também dizem sobre as condensações e diluições energéticas do movimento dançado. Mas é na figura 14, sobretudo, do lado direito da imagem que esse fluxo de emaranhados se mostra mais intenso. Rascunhar, naqueles instantes, não era apenas uma maneira de estudar movimentos, e sim de acessar experiências sensíveis.

Figura 4 – Rabiscos de Dança, dia 21.09.22

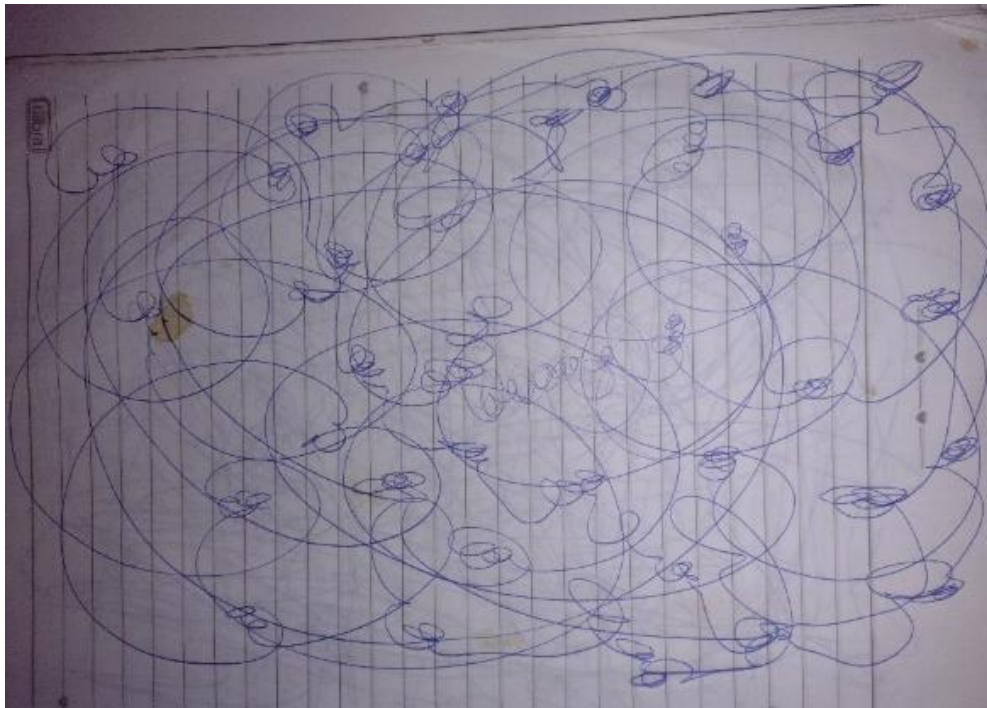


Foto: arquivo da autora (2022)

Figura 5 – Rabiscos de Dança. Entre setembro e outubro de 2022

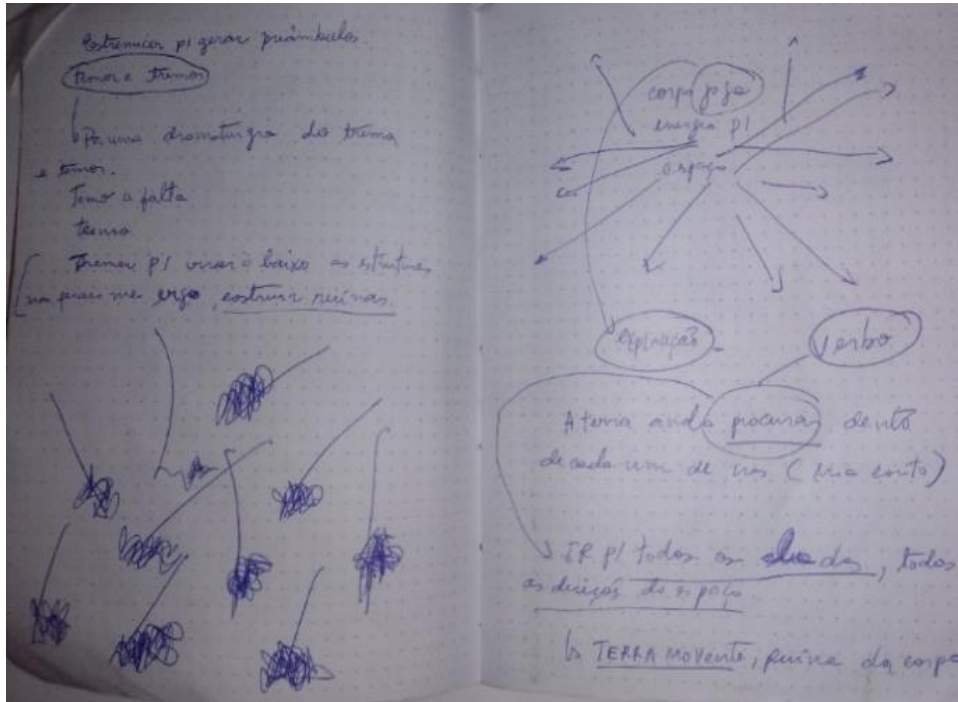


Foto: arquivo da autora (2022).

Figura 6 – Rabiscos de Dança, entre setembro e outubro de 2022.

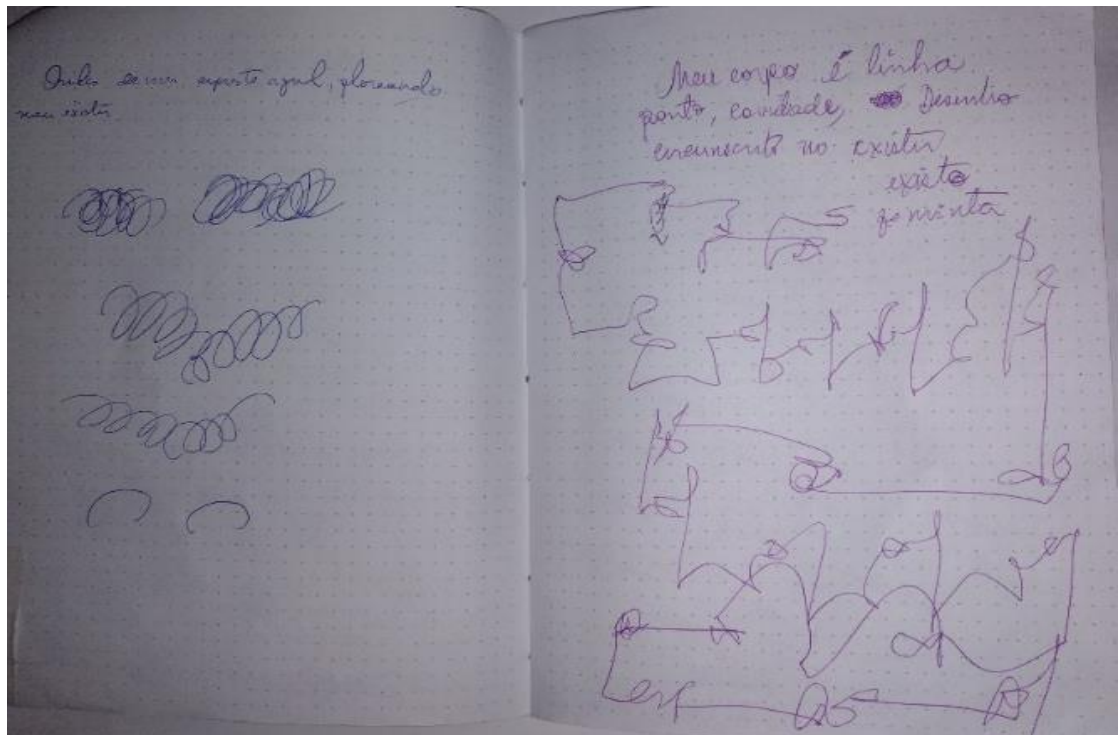


Foto: arquivo da autora (2022).

Figura 7 – Rabiscos de dança, dia 10.10.22

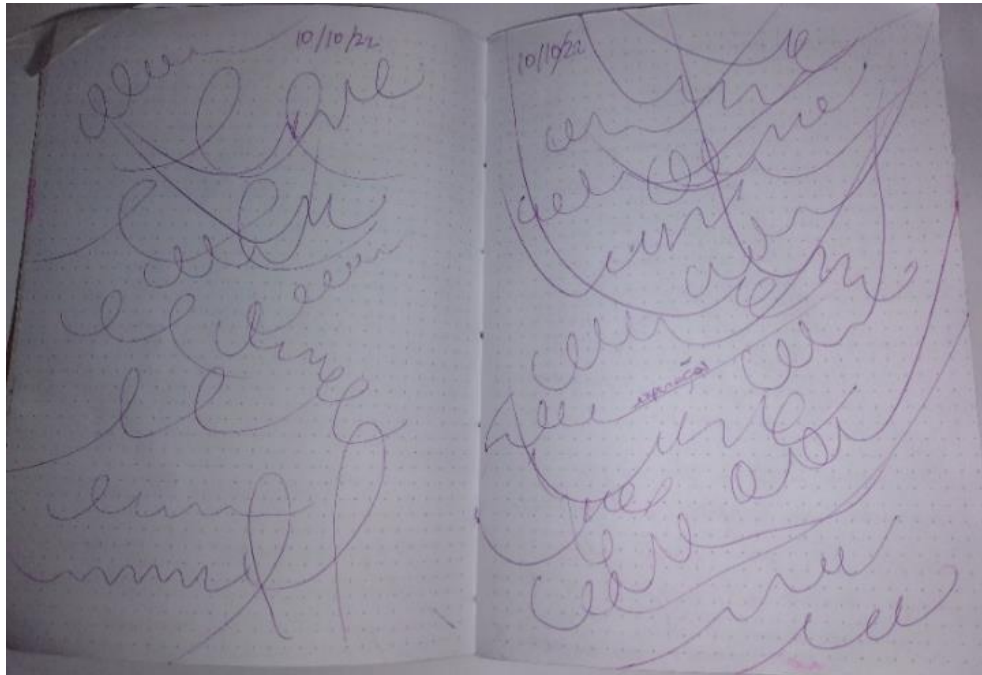


Foto: arquivo da autora (2022).

Figura 8 – Rabiscos de dança, dia 10.10.22

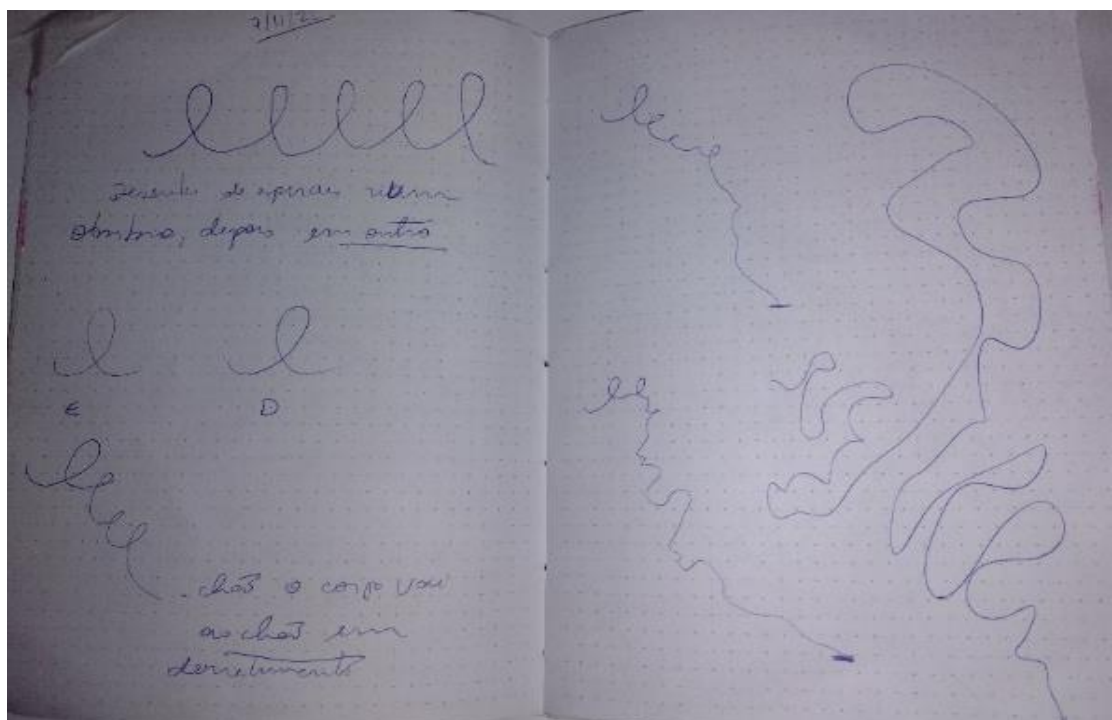


Foto: arquivo da autora (2022)

Figura 11– Rabiscos de dança, dia 07.10.22.

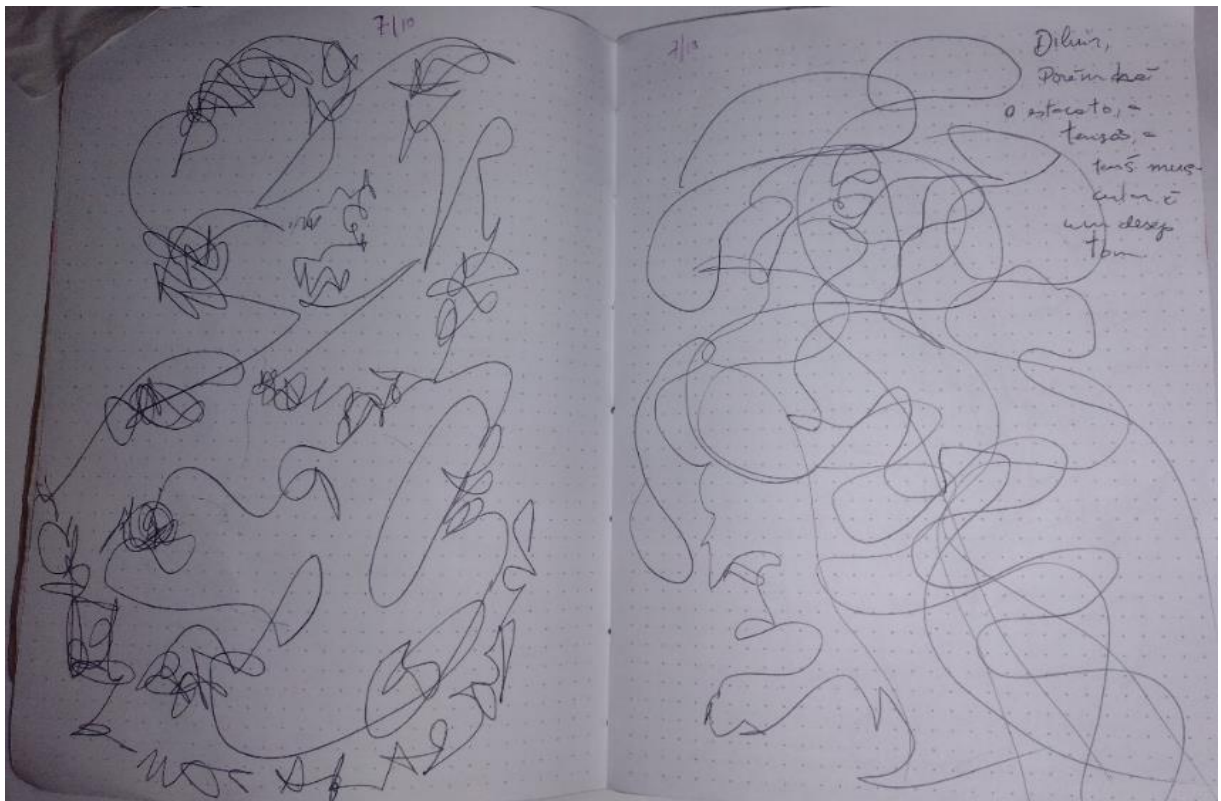


Foto: arquivo da autora (2022).

Figura 12 – Rabiscos de dança, dia 20.09.22

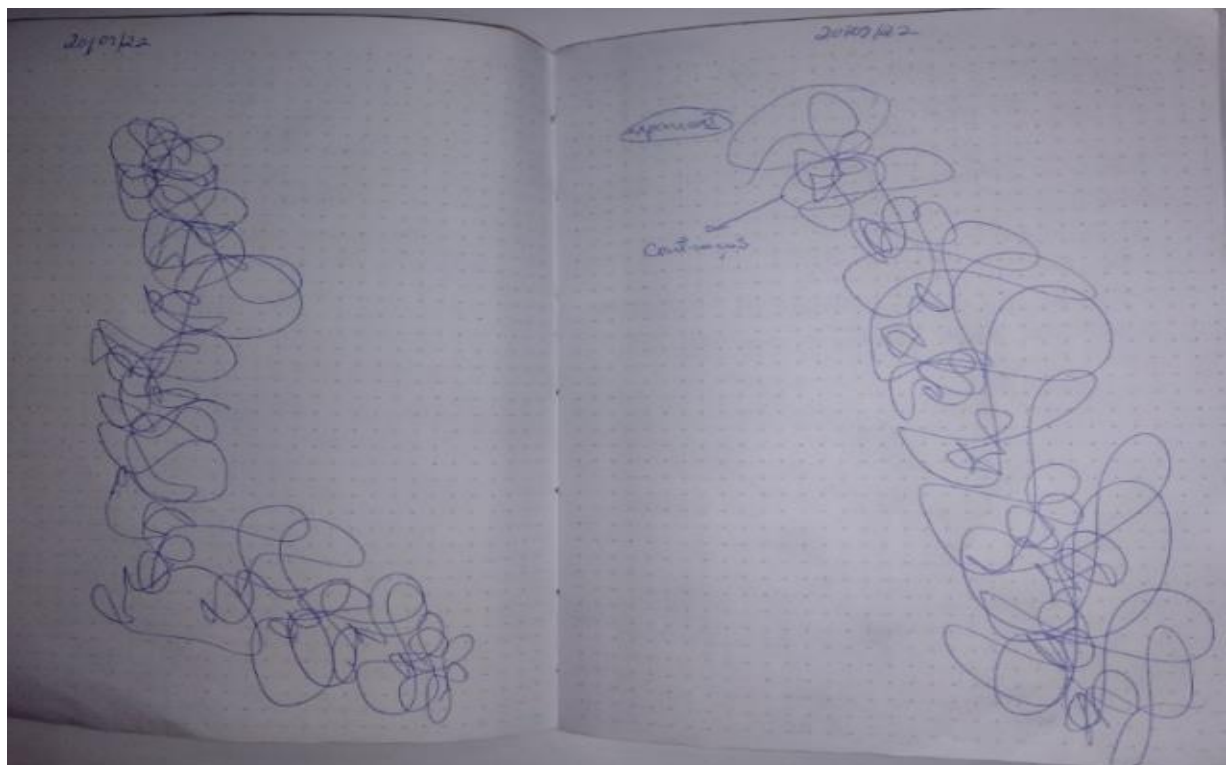


Foto: arquivo da autora (2022).

Figura 13– Rabiscos de dança, dia 7.11.22.

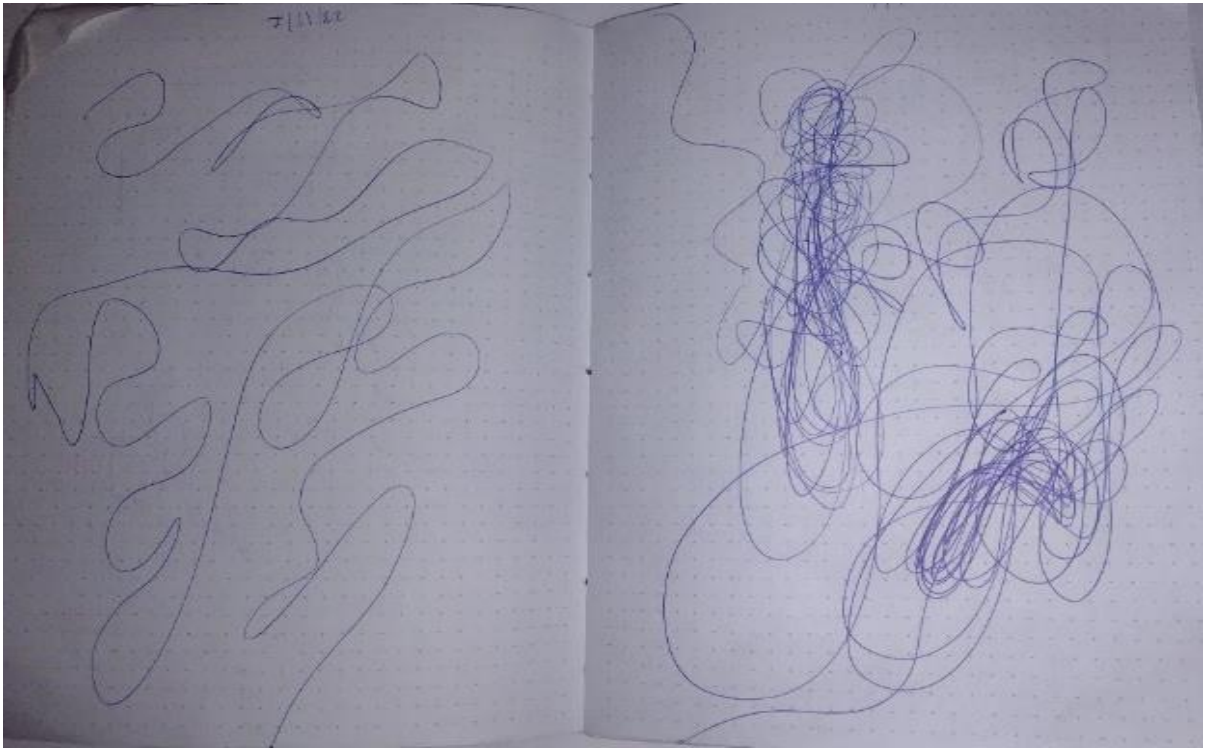


Foto: arquivo da autora (2022).

Figura 14– Rabiscos de dança, dia 7.11.22

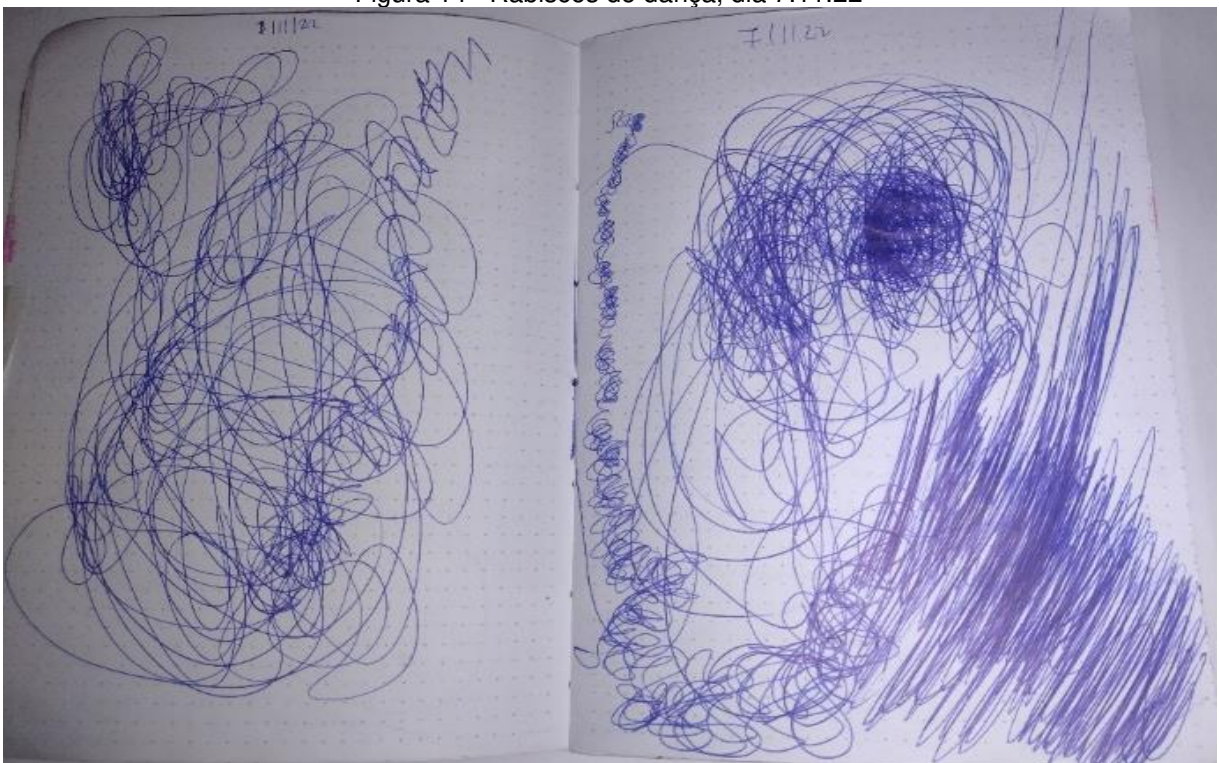
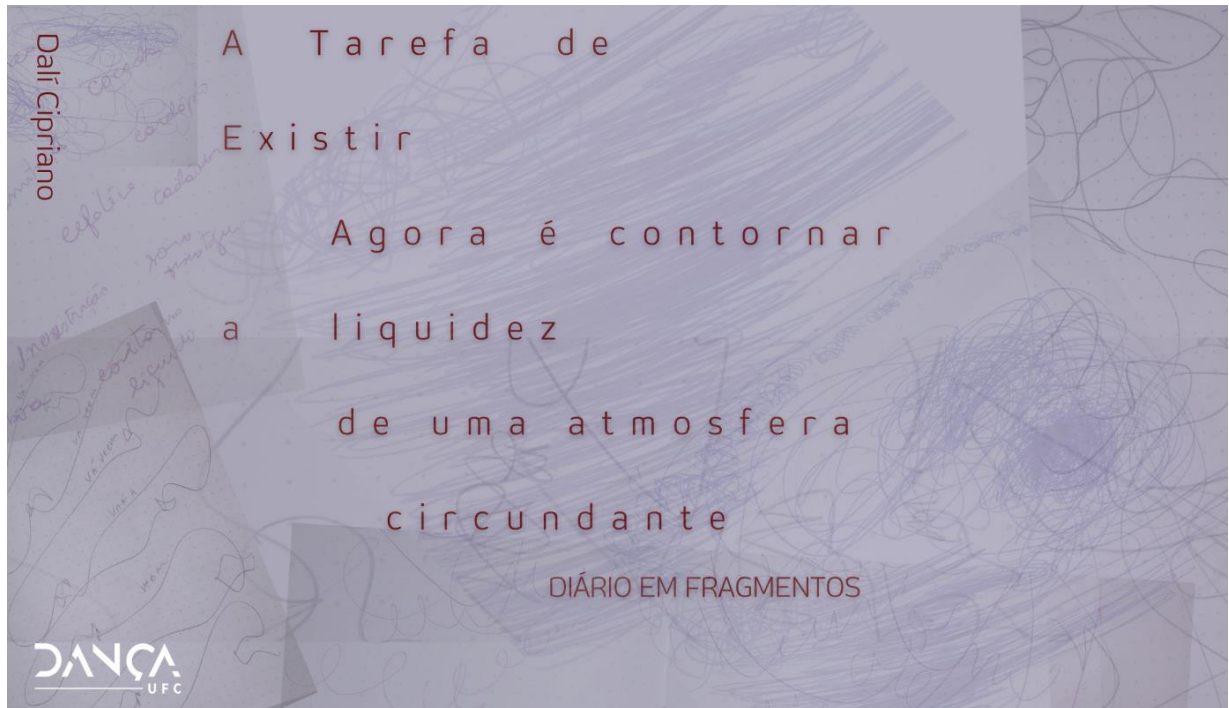


Foto: arquivo da autora (2022).

3 MATERIAL GRÁFICO DO ENSAIO ABERTO

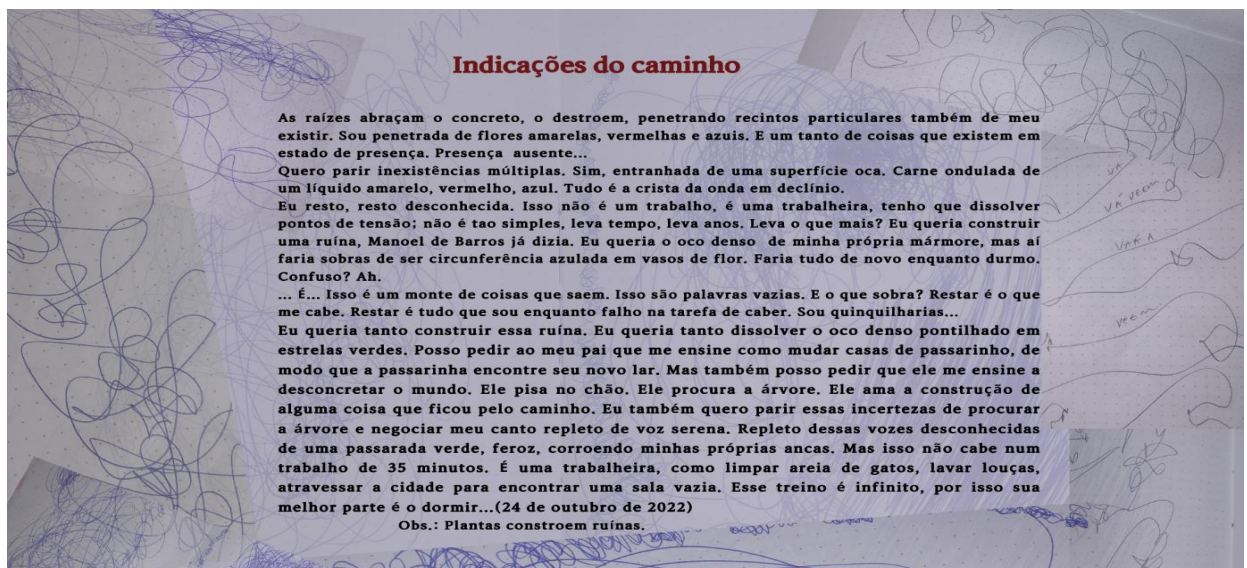
3.1 Folheto para distribuição presencial.

Figura 15 – Página um do folheto.



Fonte: arquivo da autora (2022)

Figura 16 – Página dois do folheto.



Fonte: arquivo da autora (2022).

Figura 17 – Página três do folheto.

Diários de treino, trechos

Dançar até a alma sair do corpo. Eu tenho um contexto, eu choro porque estou triste também. A dança vazia vai até os recônditos de uma alma selvagem. Não é bem assim. A alma que me veste é rica de conhecidos. Mas agora eu já não sei. Estou cansada de pensar e mesmo de mover nesse contexto. Dança é vestida de tanta coisa. E só tem camadas, não tem vazios. Os vazios são meandros daquilo que desejamos. Já não saberia dizer o que busco. Encontro um caminho e ele me escapa. Comecei com a sensação do peso: ao pisar no chão, expirava para sentir o peso junto com a respiração, duas sensações que se complementam. Mas esse treino por si só já é oco. Oco no sentido de que quero expelir algo do corpo expirando. Mas já não sei o que é. É a alma? Sinto que essa dança é vazia de perspectivas. Esse treino é vazio, sua melhor definição. E o que me inquieta é que não repeti mais nenhum dos procedimentos que tenho realizado anteriormente como de falar palavras aleatórias e dançar de um certo jeito que sempre surge. Não, não os repeti. Também evitei movimentos que costumava fazer. Sim. Estou a todo custo retirando coisas do treino. E no fim, o que sobrar? Ai, que chato, estou emotiva! Não sei o que sobra, o resto é... Um tanto de coisas que poderiam existir agora. O resto é... o desconhecido de novo. Esse procedimento de ficar com os restos, acolhe-los, é como um novo mergulho numa nova aflição.

Nunca vou apresentar esse trabalho. Ele sempre é um descomço, quando parece já nascer, ele chega ao fim em pleno parto, parindo incertezas. E você diz: deveria ser diferente, deveria ser de outro modo... Concordo. E se a busca fosse diferente? E se pudesse contornar a onda que vai desfalecendo? Explico: abraçaria o trabalho em seu pleno fim e poderia assim sempre contornar os incontáveis finais para assim, comemorar o sepultamento daquilo que inexistiu. Sim, dançaria sempre a morte das coisas. Não necessariamente das coisas mais graves, mas desses pequenas coisas que se trancaram no caminho de vivência (7 de Outubro de 2022)

Os caminhos do rio também ecoam mim. Desperto intensidades enquanto tudo for relva aurora. A sombra de uma árvore penetro recintos particulares de meu existir. Florescência múltipla de viver. Caminho denso de parir flores. estrutura óssea residindo em meu manancial. Tudo é constante aceleramento de retomar o afeto que tive de conter. Contento, porque emoções são corrosivas. Emoções são urgências que meu trânsito livre quer fazer, para que eu possa viver esse oco denso, preciso parir a sua sombra ácida e corrosiva e já não importa o manancial de flores que brota tudo é instante perdido em minha lucidez cintilante. Reclamo que não quero esse fogo intenso. Reclamo que quero a amorosidade de quem descontrai sua culpa em Regozijar um manto. Aurora espera para resistir em blocos de concreto acinzentado. Retomo o meu condimento que me assola para que eu possa recobrar o juízo. (18 de Novembro de 22)

Preciso escrever a desconformidade das coisas em relevo plano. São palavras. Mas é um corpo. É um corpo mais velho que o tempo. Mais velho q minhas ideias inconclusas. Ruge o som dos carros atravessando a avenida. Ouço som de mar. Som de céu. Som de tristeza, sinto uma tristeza q não sei classificar. Mas ela já se transformou em outra coisa nesse oceano.

A tarefa de existir agora tarda em ser. Seria florir, madrugara horizontes distintos. A tarefa seria a de colocar um monte de anzóis de pesca dentro de uma cachoeira e resgatar pilhas de roupas para lavar. Resgatar meu oco dentro de uma gaiola azul em conformidade com meu destino. Resto encruzilhada em ser essa cobra que povoou meus sonhos. Me escondo para que não me mate o amontoado de deveres cívicos e cristãos. Quero apenas lembrar o acaso em plenitude oca de quem pariu uma onça pintada e ressoa sua sutileza em uma obra de poucas páginas. Entrevejo em meandros a vacina que salvará todos desse suplício de temer a floresta úmida de suas revoltas. Sou incapaz de tremer, mas temo. Sou incapaz de amar, mas tento. Revejo esse destino de não encontrar abrigo em minha própria coragem. Nem em meu próprio vazio. Nem em minha própria tristeza. Tudo é abandonado à sorte de deslizar entre meus dedos e se refugiar no outro lado da margem. Na outra ponta do acaso, na fadiga de quem não terminou. De quem precisa seguir um rumo, na ausência dele. Mesmo que o rumo seja seguir encarando essa solidão.... (7 de Novembro de 2022)

Fonte: arquivo da autora (2022).

Figura 18 – Página quatro do folheto.

Ontem, apenas dormi. Por que dizer que apenas dormi? Por que deveria ir ao cúmulo do meu cansaço? Vencer uma outra batalha com meu corpo? Não... Na sala de ensaio eu me entreguei a um profundo sono a ponto de não querer e conseguir levantar. Ao que se sucederam foram treinos repartidos. Até mesmo o texto que escrevia ontem se apagou. Então, já não me lembro se o que eu vivi foi ontem, ou outro dia, como se também fosse sonho ou sono. Porém ao sair da sala de treino, tudo estava mais contornado lá fora, mais nítido. Descansar permite perceber os mínimos detalhes das coisas. Agora, por exemplo, que não dormi. Estou extremamente sonolenta.

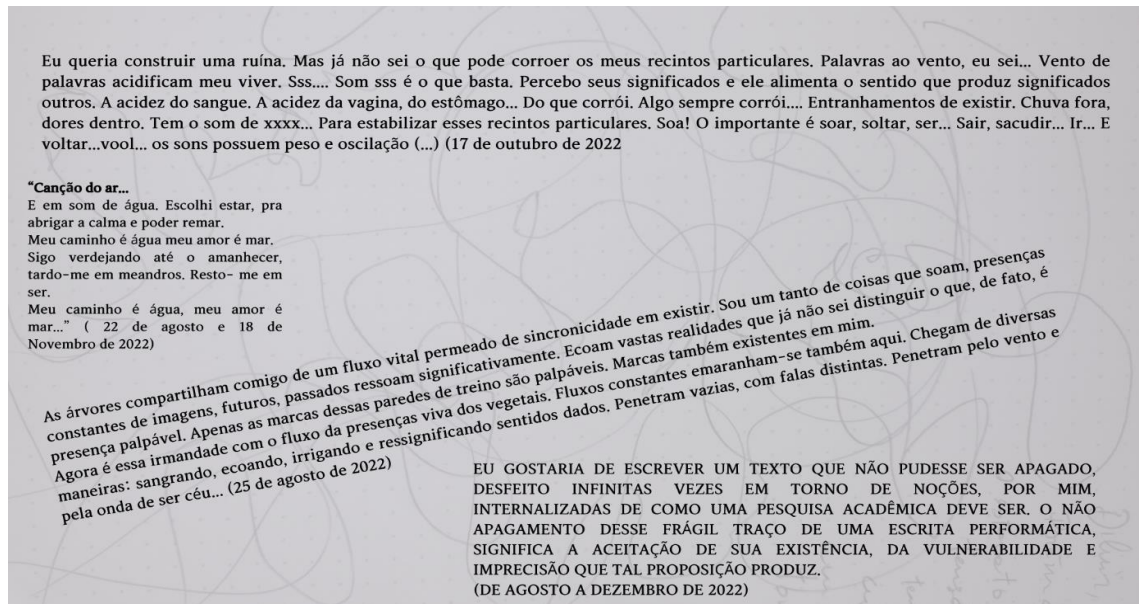
Hoje vazei emoções. Li uma carta para S. Não penso que o que faço se trata de testar coisas. Lido com minhas próprias emoções. Não é uma coisa na qual tenha que anotar de forma neutra, como se não se tratasse do meu próprio choro, do meu próprio riso, da minha própria existência (...). (4 de outubro de 2022)

(...) Os sons que meu corpo produz parecem exteriorizar como estou me sentindo, a todo momento. Apenas sei, que depois de ser provocada por esses sons a partir da respiração. Depois de mais de meia hora tentando levantar do chão, eu desperto completamente. Começo a lembrar do que a professora Thaís falava sobre a ideia de textura de movimento estudada pela bailarina Juliana Moraes. Por isso, tive vontade de retomar um movimento que apelido de "infinita onda." Durante uma improvisação em que movia os ombros, repetia um trecho de um poema que escrevi no qual o termo infinita onda estava no texto. Durante a improvisação, a palavra onda se destacou, até que apenas a frequência da sílaba "on" sobrou na repetição. A vibração da sílaba me estimulava a girar a articulação de um dos ombros, de modo que o movimento ia reverberando na coluna. O próprio mover da coluna é o dessa onda, de modo que esse mover passa pelas costelas até a bacia, como se fosse desaguar no chão. Esse mover, logo me coloca em relação ao espaço, observo seus contornos: as paredes retas, as linhas do chão e do teto. Reproduzo-as nesse movimento de onda, de modo que o quadrado que é referência de movimento, adquire contornos mais arredondados no meu corpo. A observação dessas linhas retas, em diferentes direções faz com que eu reproduza um movimento seccionado em meu corpo. Parecia compor com espaço, ele se tornou um dispositivo de criação que modificava meu olhar (...). (20 de setembro de 2022)

Nem sempre mover resolve tudo, pelo menos esse visível do movimento. Às vezes não sei para onde ir. Exemplo: chego a um nível de energia e tensão que simplesmente cai porque não sei o que fazer com isso. Como construir o sentido? No meu caso, as coisas se resolveriam a partir do dizer dramaturgico? Talvez uma sim, tudo é dramaturgia encoberta. Mesmo que de folhagens secas, do oco denso, que tantas vezes já descrevi (25 de outubro de 2022)

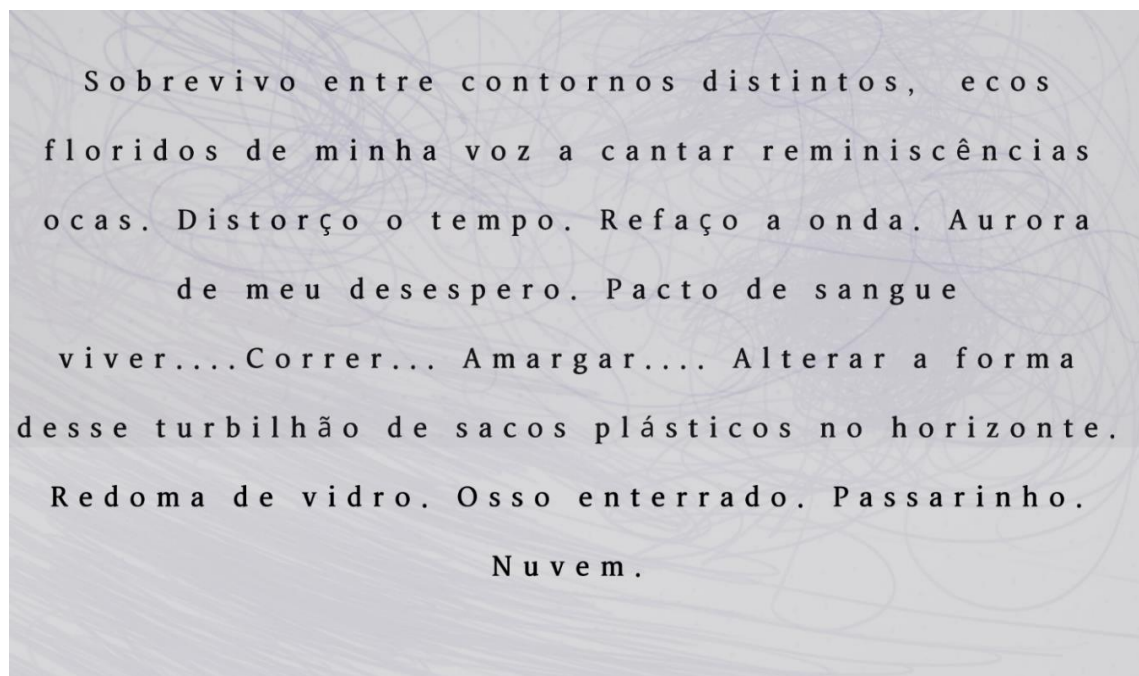
Fonte: arquivo da autora (2022).

Figura 19 – Página cinco do folheto.



Fonte: arquivo da autora (2022)

Figura 20 – Página seis do folheto.



Fonte: arquivo da autora (2022).

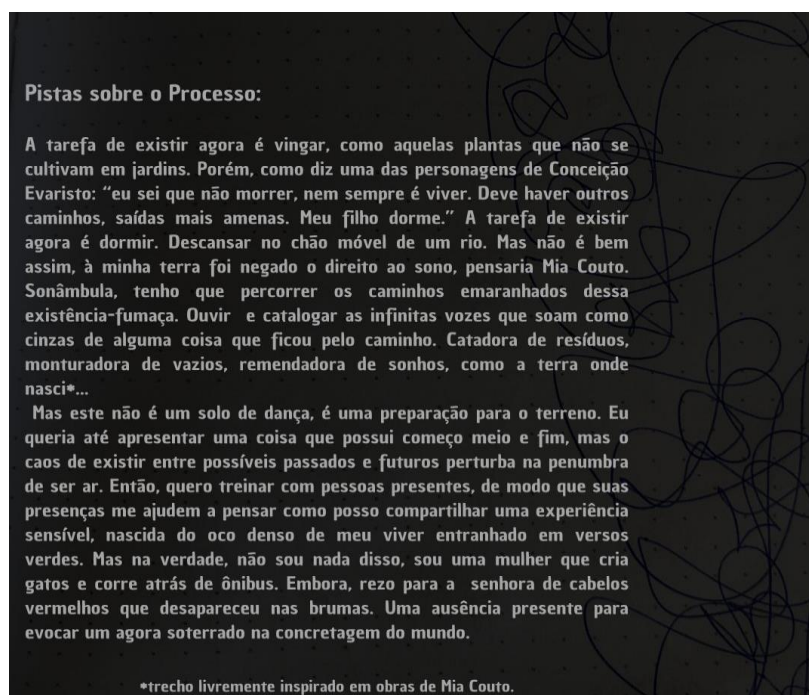
3.2 Material de divulgação para as redes sociais.

Figura 21 – Post para *Instagram*.



Fonte: arquivo da autora (2022)

Figura 22 – Post para *Instagram*.



Fonte: arquivo da autora (2022)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLARK, Lygia. Breviário sobre o corpo. **Arte & Ensaios** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFRJ, 15(16), 114-125, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/51648/27985>. Acessado em: 10. Dez 2022.

COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Pallas Editora, 2016.

GIL, José. **Movimento Total**. O Corpo e a Dança. São Paulo: Iluminuras, 2005.

GONÇALVES, Thaís (Thaís Gonçalves Rodrigues da Silva). **Sensorialidades antropofágicas: saberes do sul na dança contemporânea** (Tese Doutorado). Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa; Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, 2018.

OHNO, Kazuo. **Treino e(m) poema**. São Paulo: N-1 edições, 2016.

RIBEIRO, Palmira Margarida Ribeiro da Costa. **Um nariz subversivo: a domesticação dos cheiros e das paixões**. Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (HCTE/UFRJ), 2019.

UNO, Kuniichi. **Hijikata Tatsumi** - Pensar o corpo esgotado. São Paulo: N-1 edições, 2018.